UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
70.910 - Brasília - DF
Fones: 273-3264 (direto)
274-0022 - ramal 2368

SÉRIE ANTROPOLOGIA

Nº 73

A VIDA PRIVADA DE IEMANJÁ E SEUS FILHOS:

Fragmentos de um Discurso Político Para Compreender o Brasil

Rita Laura Segato

A VIDA PRIVADA DE IEMANJÁ E SEUS FILHOS:
FRAGMENTOS DE UM DISCURSO POLÍTICO PARA COMPREENDER O BRASIL

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende iluminar o conteúdo político do repertório mitológico próprio da tradição afro-brasileira de Recife(*). Analisarei esse repertório enquanto uma série de falas que são também políticas. Em primeiro lugar, trata-se de falas porque, como tentarei mostrar na segunda parte do artigo, o elemento de crença se confunde, aos olhos dos membros do culto, com a sua capacidade de dizer, com sua eficácia ostensiva de uma série de proposições elementares sobre o mundo que a comunidade do culto habita. Assim, estes mitos são falas porque se constituem em objetos de crença na mesma medida em que se constituem em meios expressivos para falar da verdade. Neste tipo de mitologia, a verdade divina se realiza só na medida em que ela é verdade sobre o mundo. Argumentarei que fé e conhecimento se confundem, tautologicamente.

Em segundo lugar, o conteúdo destes mitos é, entre outros possíveis, também político, porque, ao descrever um conjunto de relações entre divindades enquanto membros de uma família

---

(*) Os materiais que aqui apresento são o resultado de três períodos de trabalho de campo por um total de 18 meses entre 1976 a 1980, o qual também deu origem a minha tese de doutorado (Segato 1984). A pesquisa teve lugar nos subúrbios pobres da cidade do Recife, junto àquelas casas de culto Xangô que se caracterizam pela intenção de fidelidade e herança africana e particularmente à tradição Nagô. Agradeço a José Jorge de Carvalho e Alcida Rita Ramos seus comentários durante o processo de escrita.

mítica, faz escolhas, prevê destinos e arrisca apostas, ao mesmo tempo que toma posição sobre o papel de cada uma das entidades no seio destas relações familiares. Por trás destas opções há manifesta uma hierarquia valorativa, uma escolha de estratégias e um posicionamento face a aspectos da vida social como: acesso ao poder e ao prestígio, acesso à riqueza, valor relativo do trabalho e do senso de justiça, papel das instituições e normas, etc.

Portanto, será possível afirmar:

1) que crença e conhecimento são aspectos indissociáveis do mito no Xangô de Recife.

2) que a vigência do mito radica na sua capacidade constantemente atualizada de fazer ostensivas certas afirmações sobre o mundo, e

3) que é possível identificar o aspecto político de um conjunto de relações que se apresentam em princípio como pertencentes à ordem privada, particularmente a partir das opiniões que são dadas sobre o desempenho dos personagens nos seus papéis familiares. Assim, os temas do poder, da justiça, da legitimidade, do mérito e da riqueza, que identificamos como essencialmente políticos, constituem também a matéria prima de que está composto o discurso sobre a vida privada.

* * * * * *

Entre os membros das casas de culto Xangô do Recife que pertencem à tradição Nagô, circula um repertório de estórias míticas. Estas estórias, chamadas geralmente de "passagens da vida dos santos", narram episódios protagonizados pelos orixés africa-

nos de origem iorubá cultuados localmente, descrevendo suas personalidades e o caráter das relações que mantêm entre si.

O ingresso ao culto de cada novo membro não só implica que este passa a formar parte de uma "família de santo" (tal como descrita para a Bahia particularmente por Silverstein 1979, e ver também Segato 1984 e 1985), mas também que o novo "filho de santo" terá que subordinar-se a uma orixá desde agora investido como o seu "dono do ori", "dono da cabeça" ou "guia", e a um segundo orixá, patrono secundário ou "ajuntó". Estes santos atuam de feto como descritores da personalidade do filho e se considera que existe uma equivalência ou similitude entre os traços de comportamento do orixá dono do ori e aquele, enquanto o ajuntó vem a completar o quadro de sua identidade pessoal. É por isso que se torna fundamental contar com estórias míticas que caracterizem o comportamento dos orixás por meio do relato dos acontecimentos por eles vividos. O perfil veiculado por estes mitos é complementado por outros recursos expressivos tais como o repertório específico de toadas rituais e de toques de tambor associados a cada um dos santos, o conjunto de gestos coreográficos que manifestam sua presença através da possessão, uma caracterização física ou visualização feita por meio da descrição de visões e aparições dos mesmos em sonhos, as cores dos santos, e os sabores por eles preferidos para suas "comidas" ou oferendas rituais.

Não são todos os orixás conhecidos no Brasil que, na tradição ortodoxa do Nagô de Recife, estabelecem com seus filhos este tipo de relação de patrocínio e identidade. O quadro seguinte enumera estes últimos por ordem de idade e os classifica em masculinos e femininos.

"santos homem"	"santos mulher"
Orixalá (o pai, também chamado Oxalá ou Obatalá)	Iemanjá (a mãe)
Ogum (o primogênito)	Iansã (a mulher de Xangô, também chamada de Oiá)
Xangô (o filho mais novo)	Oxum (a filha mais nova)

Além dos mencionados que, como já disse, têm o denominador comum de aceitar o papel de donos do ori, há também, no panteão recifense, outros santos que, embora conhecidos, não têm, por força do hábito, filhos dedicados a eles nas casas mais tradicionais. Alguns destes tiveram mais vitalidade no passado e hoje, como muito, desempenham o papel de ajuntós na cabeça de escassos filhos. Estes santos são: Odé (popular como Oxóssi na Bahia), Obaluaiê (também chamado Omolú), Oxumaré e Obá, sendo os dois primeiros masculinos e as duas últimas femininas. Por outro lado, existem orixás que, por força da regra, são rigorosamente excluídos de qualquer papel tutelar na cabeça dos filhos, a saber: Exú, Orumilá, Ibeje e Nanã, sendo os três primeiros masculinos e feminina a última(*).

(*) Exú é o intermediário entre orixás e seres humanos e é representado como uma espécie de servente, porteiro ou mordomo daqueles. Como o comportamento de Exú é, as mais das vezes, traiçoeiro e grotesco, se considera que seria extremamente prejudicial para uma pessoa tê-lo como dono do ori. Por outro lado, no plano sobrenatural, cada um dos orixás tem vários Exús para servir-lhe a, no plano humano, cada pessoa pode atuar como um Exú dada a situação. No caso de Orumilá, este é situado num nível mais alto que os outros orixás, por cima de qualquer representação antropomórfica, numa dimensão estritamente espiritual. Nanã é, no Recife, além de avó dos outros orixás, a morte mesma, e se descer num filho, este morreria. Por último, Ibeje é um par de gêmeos mais comumente denominados Cosme e Damião, crianças ainda.

É só acerca daqueles que têm filhos de santo que se tem descrições mais precisas nos mitos, e é precisamente em torno da figura deles que o presente trabalho de interpretação vai ser desenvolvido. Cabe aclarar que os membros do panteão estão ligados por traços de parentesco e que, portanto, são tidos como uma família, embora bastante idiossincrática. A partir disto, os mitos apontam a dois aspectos na sua caracterização: por um lado, descrevem a relação formal de parentesco que os une entre si e, por outro, a maneira peculiar com que cada um deles desempenha o papel que lhe corresponde em função de sua posição na família. Assim fazendo, as passagens da vida dos santos dão orientação para o comportamento ritual, para o comportamento pessoal, e finalmente, para o comportamento social e político. É deste último aspecto que o presente trabalho virá a ocupar-se. Nele, tentarei mostrar como na figura dos santos se exibe um conjunto de idéias e valores fundamentais que conformam a consciência compartilhada da comunidade do culto Nagô.

Minha análise se centrará nas relações dos orixás entre si e nas características atribuídas a eles (parte 2), assim como também na maneira em que se relacionam com eles os seguidores do culto (parte 3), visando extrair da leitura interpretativa do mito uma visão da mentalidade sustentada pelo Xangô tradicional.

Apesar do já dito, e à maneira de ponto de partida para a análise, devo acrescentar que, quando inicialmente interrogados em relação aos seus mitos, os membros das casas mais ortodoxas do culto Nagô de Recife mostram um certo embaraço e desconversam, ao ponto que o pesquisador neófito pode ser às vezes levado a pensar que não existe gênero algum de narrativa entre

eles que posse chamar, sem depois ter que recriminar-se, de mito. Tendo em consideração este fato, que servirá de ponto de partida, o presente trabalho poderá também iluminar alguns aspectos - entre outros muitos possíveis - de atitude de crença, a partir de seus achados principais.

1) A MITOLOGIA DO XANGÔ: DESCRENÇA EFICIENTE?

Há, de fato, algumas peculiaridades no tratamento dos mitos por parte dos membros do Xangô. Se faz menção, na literatura antropológica sobre o culto, da dificuldade de obter acesso a estes mitos e coletá-los, de maneira sistemática, dificuldade que os autores explicam fazendo referência tanto às"regras do segredo ritual" (cf. Motta 1978:XV)"quanto ao caráter extremamente esotérico e ao zelo com que os sacerdotes do Recife preservam seu conheimento do culto" (cf. Ribeiro 1978:47). No curso da minha pesquisa eu constatei uma atitude ambivalente perante os mitos ou "histórias e passagens sobre a vida dos santos" que permite entender esta dificuldade e fazê-la por sua vez significativa.

Por um lado, os mitos são invocados de maneira espontânea no curso das conversas, em contextos e situações variados, principalmente com o propósito de deixar clara alguma características de comportamento de um orixá ou de algum dos seus filhos, ou de explicar e prescrever algum procedimento ritual a ser seguido. Estes relatos tomam geralmente a forma de citações breves, fragmentos ou alusões mais ou menos cifrados a fatos da vida de um orixá ou a instâncias de sua relação com algum outro

membro do panteão. Gestos e observações - tanto por parte de quem relata quanto por parte dos que ouvem - acompanham as referências aos mitos, indicando uma avaliação do comportamento descrito, seja no sentido da aprovação, desaprovação, admiração, condolência ou outro, de maneira que sempre há uma participação afetiva manifesta perante a estória citada.

Por outro lado, como já mencionei, encontrei dificuldades cada vez que solicitei um relato sistemático destas mesmas estórias. Nos casos em que o membro acedia ao meu pedido, acompanhava o seu relato com expressões de ceticismo. Por muito tempo, estas estórias me foram contadas em voz baixa e com evidente receio e acanhamento. Um ar de culpa cercava qualquer descrição extensa ou discussão relativa a episódios da vida dos orixás. Instâncias como a seguinte eram frequentes: um membro me deva uma explicação sobre um dos recados dados por Iemanjá no oráculo de búzios para, ao mesmo tempo, referir-se a uma das predisposições de caráter dos filhos desse orixá dizendo:

> "Iemanjá carrega esse odu de falsidade porque ela enganou (no sentido de ser infiel) Orixalá com Orumilá. Ela fez muita sujeira com o pobre velho".

Mas, em seguida, o informante interrompia-se para aclarar:

> "Estou dizendo isto, mas eu não gosto de falar da vida deles (dos santos)".

É possível interpretar este tipo de atitude em relação com o conflito que estes mitos pressupõem com respeito à moral católica, já que o 'povo de santo', autodenominação que se dão os seguidores do culto, considera-se a si mesmo também como católico sem reconhecer qualquer incompatibilidade entre estas duas religiões. No entanto, nos relatos míticos, as divindades que eles cha-

mam de 'santos' são representadas em atitudes que mais os aproximam à fraqueza humana do que as assemelham aos seres de quem fala a teologia e a hagiografia católica.

Ao mesmo tempo, as noções científicas às quais os membros do culto têm acesso fazem que o ceticismo tome conta deles se solicitados a deter-se nestes relatos fora das situações espontâneas e habituais em que são invocados. As pessoas acleram frequentemente que não consideram as estórias como verdadeiras ou que, no mínimo, nem desejam especular sobre o grau de verdade nelas contido. Tal como eles dizem: "Os velhos constumavam falar ... mas ninguém sabe". A aparente contradição entre a necessidade de invocar episódios míticos como referências vitais para a interação, por um lado, e as dúvidas sobre a verdade dos acontecimentos por eles narrados, por outro, é gritante nas colocações dos membros. Por exemplo, em certa oportunidade, uma filha de Ogum tentava descrever para mim o que ele tinha em comum com seu orixá, e disse:

> "Segundo as estórias, que hoje nós sabemos que ou não são verdade... mas se fala que Ogum foi um santo guerreiro, um grande lutador, e que Ele sempre ganhou nas lutas dele... e eu penso que eu sou tudo isso. Ele ganhou nas batalhas dele. Eu ganhei e ainda ganho: jamais tentei coisa alguma que não desse certo. Se fala que os filhos de Ogum são lutadores; eu luto muito... e não trago derrota para a minha casa".

Afirmações como a seguinte:

> 'Eu pesno que dizer o que aconteceu na vida privada dos orixás é dar uma opinião muito precária. Não temos nenhuma certeza... não podemos tê-la. Agora, se você tenta as estórias, você vai ver que Xangô tomou Iansã de Ogum quando ele (Xangô) estava vivendo com Oxum, depois de ter roubado também Oxum da casa do pai dela. Eu acho

> que esta é a razão pela qual Ela (Iansã) se tornou um santo guerreiro, um santo agressivo (por ter convivido com Ogum), e como ela pôde tornar-se feminina ao mesmo tempo: eu penso que foi depois da companhia de Xangô, porque Xangô é um santo cortesão, um santo mulherengo".

Existia, aos meus olhos, uma inconsistência aparente entre, por um lado, ter que invocar o mito para, por exemplo, poder descrever o perfil de um orixé e o caráter do filho e, por outro lado, não acreditar literalmente no que estava sendo dito. Mas esta contradição não era entendida como tal pelos membros mesmos. As estórias eram vistas como autênticas, embora não como verdadeiras. As pessoas admitiam abertamente que os fatos narrados não aconteceram na realidade, mas os relatos eram considerados como autenticamente tradicionais e, portanto, como evidências da existência de certas idéias fundantes que transcendem a dicotomia verdadeiro/falso; elas descreviam o comportamento humano espelhando-o no comportamento dos orixás. Estas idéias fundantes não pareciam poder transmitir-se sem o recurso da alegoria e da parábola, lembrando as palavras de Maurice Leenhardt sobre a necessidade do mito "para suprir a impotência afetiva da linguagem e transformar em figuras o que nenhum termo genérico pode expressar" (Leenhardt 1978:235).

Um caso extremo que ilumina o significado da crença e os diferentes tipos de verdade que uma mesma sociedade é capaz de sustentar é apresentado por Leach no curso de sua polêmica com Spiro a respeito do "nascimento virgem". Em seu argumento, Leach defende a posição de que grupos australianos e melanésios - como os célebres Trobriandeses - não desconhecem os fatos da concepção que declaram ignorar, já que esta "ignorância" consti

tui outro tipo de verdade diferente daquele "desconhecimento". Estas verdades estariam apontando, de fato, a campos de significação diferentes. Estes povos, diz Leach, não só "reconheciam a importância da cópula em animais" (1966:40), senão que também "não vivem em solitário isolamento... mas são grupos que têm estreitos vínculos políticos e econômicos com outros povos que não ignoram a paternidade fisiológica" (Ibidem: 41). Em todo caso, ele afirma, a diferença é "de doutrina e não de conhecimento" (Ibidem: 48). Os mesmos Trobriandeses, interrogados por Powell(1956: 277-278), citado por Leach), colocaram em evidência a presença simultânea de ambas visões da questão entre eles (uma reconhecendo a necessidade da cópula para a concepção e a outra explicando-a pela entrada do espírito-criança ou baloma na mãe) e explicaram a contradição dizendo que "ambas visões eram 'verdadeiras' embora 'diferentes'"(Ibidem: 48).

Para sustentar o argumento contra a tese do "desconhecimento", Leach compara as crenças trobriandesas e australianas com o dogma cristão da Virgem Maria: "O mito - ele diz - como o rito, não distingue entre conhecimento e ignorância. Ele estabelece categorias e afirma relações" (Ibidem:42); portanto, tudo o que pode ser feito é, por exemplo, analisar "o que seja que o dogma do nascimento virgem 'diz' sobre a sociedade em que é afirmado" (Ibidem:43). No caso dos Trobriandeses, através do seu declarado 'desconhecimento', eles viriam a expressar positivamente a irrelevância do pai em matéria de descendência e herança. A análise que o citado autor faz da figura mítica da Virgem Maria se torna ainda mais esclarecedora. No mundo cristão, dois grupos de interesse encontram expressão por meio desta mesma figura mítica. Entre os católicos, particular-

mente em sociedades onde houve uma aberta tendência para a Mariolatria como Bizâncio, o Brasil do século XVIII e outras colônias dependentes de nações católicas, se deram sociedades patriercais "onde os senhores jamais se vincularam por casamento com as classes baixas, mas onde eles se dignaram benignamente a tomar concubinas escravas e a elevar seus filhos com estas às classes de elite" (Ibidem:43). Muito pelo contrário, "os colonizadores protestantes, quem em termos gerais tendem a rejeitar o mito do nascimento Virgem, sempre empurraram seus bastardos para as classes de baixo, insistindo em que o status de governante-deus é exclusivo daqueles que são de puro-sangue. Deus e Jesus se ajustam bem ao ethos da Public School inglesa; a Mãe-Virgem não tem ali nenhum lugar" (Ibidem:43). E com um quê de humor, Leach extende seu argumento aos antropólogos evolucionistas britânicos que precederam Malinowski em falar na crença no nascimento virgem, tanto em Austrália como na Malanésia:

> "Suas teorias revelam um mundo de fantasia povoado de homens dominadores que copulavam indiscriminadamente com suas escravas mulheres, de quem então tiveram filhos que reconheciam suas mães mas não seus pais ... (e onde) embora os homens dominam e satisfazem sua luxúria pela violência, a única forma de parenteseo reconhecida é a consanguineidade baseada nos vínculos de descendência através das mulheres. O resultado foi uma teoria apropriada a imperialistas protestantes e não católicos". (Ibidem:43).

Em suma, com este exemplo, Leach revela como tanto o mito quanto a teoria proclamam verdades estratégicas. Não se trata da "verdade factual" (cf. conceito definido por Sperber 1982: 171), no sentido da descrição de fatos realmente acontecidos ou dos fatos da natureza, mas uma "verdade representacional"

(Ibidem), relativa à sociedade e relevante à interação entre seus membros. Poderia se falar de sociedades ou de grupos incluídos dentro da sociedade mais abrangentes que aceitam a coexistência destes dois tipos de verdades sem que eles signifiquem necessariamente uma disjuntiva (Ver também Berstein 1983:101-103). Essa disjuntiva lembra o problema que uma criança apresenta a um adulto quando, depois de ter escutado uma estória de monstros ou fantasmas, lhe pergunta: "é verdade que há monstros? é verdade que há fantasmas?". Se o adulto lhe responder categoricamente: "não, não há", estará intoduzindo-a de maneira definitiva e sem volta num mundo de verdades exclusivas onde a ausência de monstros e fantasmas exclui para sempre a sua presença; onde a ausência e a presença simultânea destes afim de dar conta do natural e do social entanto dimensões diferentes do real fica proscrita. De agora em diante, um mesmo instrumento racional com suas figuras terá que dar conta de ambos tipos de experiências. A expressão do que existe ficará restrita a um único registro.

Enfim, através do processo descrito nos deparamos com um mundo onde o logos despreza o mito na sua qualidade de instrumento, de estratégia idiossincrática para exibir verdades. Mas não se trata simplesmente da substituição de um discurso pelo outro; é dizer, não se trata exclusivamente de uma permuta de recursos expressivos. O fato de que a mensagem que o mito veicula é uma mensagem cifrada no código de cultura, inacessível sem referência a este código, é parte estrutural e significativa da mensagem mesma, e não seu ornamento.

Como Vernant destaca, apesar de que é possível fazer uma "exegese alegórica" do mito (Vernant 1982:185) traduzindo o mito para a linguagem conceitual própria do logos, não é pos-

sível substituir o mito no seu papel específico. Este papel específico consiste em exibir de maneira imediata (sem mediações) os pressupostos de uma mentalidade "até para uma criança", que aprende uma cultura "sem aperceber-se disto, escutando a repetindo a tradiçaão como aprende sua língua materna" (Vernant, 1982:188). O mito é capaz de encarner, de dramatizar numa narrativa um leque de verdades relevantes ou possíveis que, mais do que expressar, revela, torna patente o horizonte mesmo sobre o qual uma sociedade constrói a sua existência.

> "É necessário estar distante, fora de uma cultura, há que experimentar com respeito à sua mitologia uma impressão de estranhamento total, sentir-se desorientado perante o caráter insólito deste tipo de fábula... para que se faça sentir a necessidade de um rodeio, de uma via de acesso menos direta, passando do texto superficial aos cimentos que sustentam sua organização estrutural... e que permite assim a decodificação de um verdadeiro sistema de pensamento que não é imediatamente acessível em todos seus níveis para os nossos hábitos de pensamento" (Ibidem:188-189)".

Fica como mensagem principal a importância da relação que existe entre as afirmações que o mito contém e a maneira idiossincrática em que o faz. Tal relação deve ser vista também como significativa. É um dos propósitos da exposição que se segue mostrar que, no Xangô, o mito enuncia uma verdade que, embora constitue a moral dominante no meio do Xangô e, possivelmente, também em outros grupos da sociedade brasileira, resultaria inaceitável se proclamada à maneira de um discurso racional explícito, já que se encontra em flagrante oposição ao discurso da ética moderna e ocidental da qual o Brasil, enquanto nação, se diz oficialmente parte.

2. A FAMÍLIA MÍTICA E SEUS INTEGRANTES

Não é possível agora seguir em frente com o meu argumento sem fazer uma suscinta descrição do comportamento dos orixás, tal como ele emerge de citações dos relatos míticos feitas espontâneamente por membros do culto no curso da interação social. De acordo com isto, todos os qualificativos e atributos que usarei na descrição foram extraídos do discurso dos membros. Mencionarei só aqueles traços de caráter dos santos que virão a ser relevantes para minha análise posterior, começando pela posição relativa de cada um deles na família mítica.

É importante ressaltar que o status relativo de um santo, dentro do panteão,depende da sua idade, mas dizer só isto é fazer uma descrição formalista e superficial. O que de fato acontece é que cada uma destas divindades pode exercer seu poder ou sua influência sobre as outras por meio de um talento ou atributo que lhe é específico. O aspecto patriarcal que a família mítica parece ter à primeira vista (ver meu artigo de 1985) não resiste um escrutínio mais demorado. Do pai, Orixalá, é dito que tem o status mais alto, mas é descrito como uma divindade benevolente que rara vez usa o seu poder. A mãe, Iemanjá, é também considerada formalmente como um orixá de maior status que os outros; contudo, ela é, em geral, apática. O filho primogênito, Ogum, deveria tornar-se rei, mas seu irmão mais novo, Xangô, usurpou seu direito por meio de um truque engenhoso. O status relativo dos outros orixás femininos, Oxum e Iansã, não é muito claro e não há acordo entre os membros sobre o assunto De qualquer maneira, ainda que Iansã é uma estrangeira, ela é mais velha do que Oxum e tem o título de rainha porque comanda

os espíritos dos mortos, por um lado, e por ter casado com Xangô, por outro. Outros dizem que é à Oxum que corresponde este título, por ser a rainha do ouro e a filha preferida do seu pai "legítimo" (ver meu artigo de 1985 para o significado deste termo), Orumilá, e de seu pai de adoção, Orixalá.

Ainda que Ogum, Xangô e Oxum são filhos de Iemanjá(só os dois primeiros são também filhos de Orixalá), Ogum e Xangô não são vistos como irmãos de Oxum senão como possíveis parceiros sexuais desta. Por outro lado, não é muito claro, nos relatos sobre os santos, o número total de filhos que Iemanjá e Orixalá tiveram.

Nenhum mito de criação é invocado, exceto alguns fragmentos acerca da "separação das águas", que me foram mencionados por umas poucas pessoas, com o propósito de argumentar contra o suposto status mais alto de Iemanjá (água salgada) em relação a Oxum (água doce). Devido a que as águas doces apareceram primeiro no princípio do mundo, Oxum é - nesta versão - declarada mais velha que Iemanjá e portanto de uma "patente" maior, apesar de que a primeira é comumente considerada como a mãe.

Depois destas aclarações de ordem geral, passo a relatar os episódios míticos nos quais se descreve a relação dos orixás entre si e os contrastes de personalidade entre eles. A partir destes episódios, o povo do culto constrói as detalhadas caracterizações dos santos que intercalo como as narrativas propriamente míticas. Nestes discursos, cada orixé é retratado como sendo portador de características positivas e negativas só que, como mostrarei na parte 3 deste artigo, a parte desta avaliação objetiva e equânime, o povo do Xangô expressa suas pre-

ferências arbitrárias fundamentadas no gosto peesoal ou na hierarquia de valores consensualmente endossada pelos membros.

As descrições dos orixás com as quais completo os relatos propriamente míticos são citações extraídas de comentários espontâneos proferidos por membros do culto em circunstâncias variadas, que vão desde alusões a passagens míticas e conversas informais em grupo e explicações elaboradas para responder a perguntas colocadas por mim no curso de entrevistas. Elas represen - tam a leitura - ou interpretação - que os membros do culto fazem do mito. Chamo a atenção para o fato de que, como fiz questão de mostrar no texto que segue, os informantes caracterizam a idéia ou o conjunto de idéias que cada santo encarna falando às vezes do orixá e às vezes dos seus filhos genericamente, sem perceberem a oscilação dos sujeitos. Peço ao leitor que aprecie o valor etnográfico das descrições em questão. Os tipos encarnados pelos orixás na tradição afro-brasileira foram muitas vezes objeto de publicações pseudo-científicas ou de divulgação que acabaram por ameaçar a originalidade e sofisticação desta tipologia. A diferença daqueles textos, não se trata aqui de generalizações de autora baseadas em suas impressões globais, nem de esquemas simplificadores do que cada orixá significa, senão que é feita uma recapitulação minuciosa de um discurso nativo particular tentando captar as nuances e sutilezas deste saber complexo. Tais sutilezas foram usualmente deixadas de lado nas caracterizações conhecidas, mas resultam indispensáveis, no presente trabalho, para sustentar a análise que desenvolverei.

Com relação à forma que escolhi para expor os materiais que servem à análise, trata-se de um entrelaçamento de três vozes - a minha, a do mito e a do povo do Xangô -, à maneira de

uma polifonia cujo resultado final é a fusão de todas elas. Estes discursos superpostos, soando juntos, retratam e tentam fazer participar ao leitor num trânsito possível pelo percurso que vai do mito ao cotidiano, mostrando como estas duas dimensões são parte de uma teia comum. Contudo, falo aqui de três vozes - a fala mítica, a exegese cotidiana dessa fala pelo povo do Xangô e a minha própria exegese - e não de duas porque é possível afirmar, com Ricoeur, que a voz dos símbolos é uma voz primaira: "symbols give rise to thought ... first there are symbols" (Ricoeur 1969:19; ênfase do autor). O mito, por sua vez, em continuidade com o rito, é a forma (de narrativa) mais próxima do próprio símbolo primário, confundindo-se com ele no seu papel de "analogon" (Ibidem: 166-167). O exegeta se encontra com eles através de uma "contingência" que reúne, numa convergência fortuita, o tempo originário e o presente histórico (Ibidem 24).

No caso que me ocupa, por tratar-se de uma tradição não ocidental de pensamento e, principalmente, não cristã, deverei passar primeiro pela interpretação criativa que os próprios membros do Xangô fazem, eles mesmos já "faithful to the impulsion, to the gift of meaning from the symbol" (Ibidem 348), sob a forma de falas coloquiais em torno às narrações míticas. Destas falas secundárias partirei, por minha vez, para produzir, finalmente, meu discurso de terceiro grau, tão contingente ao próprio olhar histórico que lanço sobre este povo quanto o que ele próprio lança sobre seus mitos. Meus comentários, contudo, não são orientados só pelo discurso puramente verbal que aqui aparece registrado, senão que são o produto de uma enorme quantidade de informação propriamente etnográfica que adquiri a partir da minha convivência e participação no cotidiano do culto.

Finalmente, cabe acrescentar que, no caso particular do Xangô, mais que uma cosmologia ou uma história, o mito se constitui no horizonte sobre o qual os contornos da paisagem humana adquirem forma e significado. Porque, dito de outra maneira, o povo do Xangô, de fato, habita uma paisagem populada por caracteres humanos cujos perfis emergem do horizonte do mito. Por esta razão, possivelmente, as frequentes inconsistências nas ações e acontecimentos narrados são esquecidas facilmente, para deixar lugar à captação da consistência na construção dos personagens protagônicos.

Deste maneira, é possível afirmar, como Otto o fizera para o caso de religião grega, que, no Xangô, "o que... a devoção venera... (é) a faculdade de ver o mundo à luz da divindade, e não o mundo aneledo, o mundo a que se aspire... mas o mundo no qual somos nascidos e do qual formamos parte" (Otto 1954:11).

> "Para o naturalismo piedoso muitas coisas são verdadeiras e importantes, enquanto podem parecer ridículas ou perniciosas aos teoristas e moralizadores" (Ibidem:10)

i. <u>O Ciclo da Coroação e a maternidade de Iemanjá</u>(*)

No cerne das relações entre os membros do panteão do

(*) Lembro ao leitor que, nalgumas das descrições do comportamento dos santos que seguem, e possivelmente devido à inércia própria da língua, quando este é mulher se faz referência "às filhas" do orixá em questão, e vice-versa quando é o caso de santo-homem. Contudo, os filhos iniciados sob a tutela de um orixá podem ser homens ou mulheres indistintamente, e os atributos da personalidade do orixá lhe são igualmente extensivos.

culto se encontra um evento que, relatado em diversas versões, deixa estabelecida a relação entre os dois filhos homens. Trata-se do ciclo da usurpação do trono de Ogum por parte de Xangô, e é a partir deste episódio que podem ser compreendidas com maior facilidade as restantes articulações de harmonia e conflito, semelhança e antagonismo. É também a partir dele que emerge com nitidez um primeiro contraste entre dois perfís comportamentais, duas escolhas valorativas e duas estratégies cívicas opostas encarnadas nas figuras de Ogum e Xangô.

Primeiro Episódio: versão a). Onde se relata como o filho mais novo, Xangô, por ser astuto, usurpou a coroa de Ogum, o primogênito e herdeiro legítimo.

> "Xangô e Ogum são rivais. Eles são irmãos mas não são unidos porque Xangô tomou o trono dele. Iemanjá não queria que Xangô se tornasse rei porque Xangô era muito traquino e muito violento. Ele causava muita perturbação. Ele batizava e vendia. Então, Iemanjá queria Ogum como rei, porque Ogum era um santo de mais idade, mais calmo, mais confiável e mais responsável. Ogum era também o primogênito de Iemanjá e Orixalá. Por outro lado, Xangô era mesmo o filho preferido de Iemanjá e Orixalá, o filho mimado, mas Iemanjá pensava que ele era travesso demais para nomeá-lo rei e escolheu Ogum. Mas Xangô traiu Ogum. Aconteceu que Iemanjá organizou a cerimônia e no dia da festa, quando a coroação de Ogum ia ser feita, eles estavam todos lá e Xangô disse para si: "de maneira nenhuma posso eu deixar de ser rei". Então, ele preparou uma "coisa" (mágica), misturou no café de Ogum, e quando Ogum bebeu dormiu a noite toda. Além disto, como Ogum era muito cabeludo (o primeiro filho dos progenitores míticos é imaginado como um homem prehistórico) e Xangô não, este apanhou uma pele de cordeiro e se cobriu com ela. Assim, na hora da cerimônia, quando apagaram as luzes, Xangô che-

gou, subiu em silêncio e se sentou no trono para ser coroado por Iemanjá. Todo mundo pensou que era Ogum, mas Ogum dormia e não soube de nada. Eles fizeram tudo o que tinham a fazer na cabeça dele (alusão aos rituais de iniciação) e, uma vez que a coroação acabou e as luzes voltaram, eles viram que era Xangô e não Ogum quem estava ali. Ele é realmente muito esperto e faz muitos truques".

Neste mito já estão presentes e entretecidas na sua trama uma série de afirmações sobre as figuras protagônicas que, fora do contexto de sua narrativa, são esporádica mas constantemente atualizadas em forma de alusões no cotidiano do Xangô.

Em primeiro lugar, a façanha do rei Xangô que,inescrupulosamente, ganhou o trono com um truque, é descrita com admiração e simpatia pelo povo do santo:

Xangô é o santo mais forte do culto. Xangô pode lhe ajudar a alcançar qualquer coisa que você deseja na vida. Ele passa por cima de todas as dificuldades. Ele toma até as casas dos outros orixás. Ele gosta de tomar os filhos dos outros orixás para Ele ("passar à frente", "tomar a cabeça"), ainda que eles sejam filhos completamente "feitos" (iniciados). Ele fica do lado do filho até tomá-lo. Xangô é muito exigente, Ele sempre quer mais. Ele sabe como conseguir o que ele quer, como impor a sua vontade. Ele quer ser maior que todo mundo, por que é o rei dos orixás.

Os filhos de Xangô são muito ardilosos e hábeis. Xangô é encantador e muito astuto, e se tornou rei justamente por meio de sua astúcia. Ele roubou a coroa de Ogum com um de seus truques. Xangô é rei sem ter ar de rei, sem ter a pose de um rei. Xangô é um rei vestido de tiras (de farrapos, de restos de panos), é o rei brincalhão.

Xangô não tem orgulho: ele é o "rei bobo". Ele é vulgar, um charlatão, um zombeteiro, um vigarista, um mentiroso.

Os filhos de Xangô são abertos, espontâneos, extrovertidos, expansivos, brincalhões, estão sempre alegres. Xangô é o

"Negão", ele é "Cheguei": nunca passa desapercebido. Os filhos de Xangô gostam de anarquizar, de se divertir. Se sentem à vontade em qualquer situação e não se importam com a aparência . São gente muito segura, muito descomplexada, muito para a frente. Não esquentam a cabeça facilmente, são despreocupados.

Os filhos de Xangô não têm disposição para gastar suas energias trabalhando nem são previsores. Eles só alcançam aquilo que podem obter facilmente graças ao engenho. Eles são indolentes, não têm "coragem" para enfrentar a vida (no sentido de força de vontade para se propor e realizar tarefas difíceis, penosas).

Primeiro Episódio: versão b). Uma versão complementar daquele episódio ilumina ainda uma outra faceta do herói:

> "Nanã, a avó dos orixás, costumava fazer renda e vestir bonecas. Ela tinha a cesta de costura dela. Um dia Xangô chegou danado da vida dizendo que queria ir a uma festa muito importante mas não tinha roupa apropriada para vestir. Ela já tinha feito a roupa de todos os outros orixás, então pegou os restos de fazenda e preparou o mariwo (saiote de Xangô, feito de tiras). E é por isso que o mariwó pode ser de todas as cores, justamente porque foi feito dos restos das roupas de todos os outros orixás. E, de fato apesar disto, o mariwó ficou tão bonito que, quando ele chegou à festa, foi muito aclamado e escolhido rei. Ele se sentou então, tão bonito, tão graciosamente, na cadeira de Ogum, que ganhou o trono sem ter a primogenitura, só por conta do seu charme. Aquele trono pertencia de fato a Ogum, mas Xangô se apressou, se sentou, e ninguém foi capaz de tirá-lo dali nunca mais".

De fato, os membros dizem:

Os filhos de Xangô são muito "inteligentes", muito espertos. Sabem se virar em qualquer situação e dão conta de qualquer recado, graças à engenhosidade deles. Xangô é o santo mais forte: Ele resolve os problemas de todo mundo.

Xangô é torpe, desajeitado. Não liga para aparência nem para roupas; é simples, não gosta de vaidade. Anda vestido de farrapos, mas ainda assim é sedutor. Um filho de Xangô pode sair para a rua com as roupas rasgadas, pode concertar um sapato com um prego e sair: eles realmente não ligam para a aparência.

Os filhos de Xangô podem passar por situações de pobreza miserável, podem ficar pobres de não ter absolutamente nada e, assim e tudo, podem fenhar enormes riquezas com um truque, com seu charme, ou com um golpe de sorte ou de magia. Mas, também, eles podem perder tudo rapidamente, de um dia pae outro , com toda facilidade, e ficar na pior. E não se magoam nem ficam aflitos por perder as riquezas que tinham: sempre encontram um jeito de tê-las de volta.

Xangô é popular. O povo adora ele. Ele é "quente", animado, entusiasmado. Os filhos de Xangô são os mais fáceis de reconhecer pelos olhos bem abertos, vivos. Eles são exibicionistas, amostrados, cativantes. Não são mesquinhos. Eles têm um jeito, um charme para tudo. Eles são bons conversadores, a conversa deles é animada. Tem alguma coisa neles que encanta a todo mundo, o povo gosta deles à primeira vista. Se diz que eles têm um feitiço no olhar.

Xangô tem muita força, muita energia. Quanto ele chega (em possessão), Ele esbanja energia, Ele arrasa; todo mundo se sente transportado de felicidade. Ele toma conta de tudo;Ele chega e toma conta da festa. Ele domina tudo. Xangô é sempre rápido, sempre "quente".

Em flagrante oposição com o bem sucedido - embora fraudulento - rei, emerge a figura de seu direito - mas desafortunado - irmão mais velho. Ela é apreendida frequentemente a partir de suas projeções sobre os filhos de santo iniciados sob sua tutela.

Os filhos de Ogum são severos, carrancudos, sizudos. Parecem mais velhos do que são. São de uma palavra só. Com ele não há dúvidas nem ambigüidades.

Eles têm um rosto desagradável, duro, rígido, com as

sobrancelhas franzidas. Eles gostam de dar ordens. Ogum é excessivamente conservador e circunspecto. Ele perdeu a coroa por um truque de Xangô, mas preservou o porte solene, seu ar de rei,porque Ele era o legítimo primogênito. Nunca perdeu a dignidade, a formalidade, a parcimônia de um rei.

Eles não são alegres nem extrovertidos. Podem ser sociáveis, mas nunca são espontâneos. Não se fazem gostar à primeira vista. São rudes, grosseiros, fechados, podem magoar sem querer fazê-lo e nunca voltam atrás para reconsiderar: vão à frente como se nada tivesse acontecido.

Ainda, no pano de fundo de história, emerge a figura de Iemanjá, que tem a seu cargo a própria coroação e, portanto , aparece no papel de quem administra as atribuições correspondentes a cada orixé. O estilo particular que caracteriza o desempenho de Iemanjá nesse papel é elaborado na seguinte versão abreviada do episódio:

Primeiro episódio: versão c). Onde se exibe o legalismo formal e vazio de Iemanjá, a mãe que, no desempenho de uma autoridade meramente convencional, é seduzida pela astúcia e simpatia do filho mais novo e acaba por aquiescer à sua vontade caprichosa em detrimento das aspirações legítimas do seu filho mais velho. Iemanjá dá prioridade à compostura, à polidez, à continuidade da ordem estabelecida, ainda que ele encubra um privilégio imerecido.

> "Os filhos de Iemanjá se preocupam mais com as aparências que com a verdade, mais com a ordem do que com a justiça:Sendo mãe e rainha, Iemanjá preparou dois tronos para coroar Xangô como príncipe e Ogum, por ser o legítimo primogênito, como rei. Também organizou uma festa para celebrar a coroação. Mas Xangô não estava satisfeito com o título de príncipe, fez um truque e fez Iemanjá colocar a coroa na sua cabeça. Quando Iemanjá descobriu já era tarde demais e, para evitar o descrédito, Ele deixou Xangô

ter a coroa embora, por direito, lhe tivesse correspondido a Ogum".

Dele se desprende uma profusa sequência de elaborações sobre a parcimoniosa figura da mãe dos orixás e dos seus filhos de santo, cujos motivos mais relevantes são tratados da maneira seguinte:

Todos os orixás são obrigados a render homenagem a Iemanjá, ainda sem gostar dela, porque Ela é um santo poderoso: Ela é mãe, e portanto Ela tem influência e autoridade. Iemanjá tem o privilégio e o prestígio de ser mãe, e eles devem vir a Ela e render-lhe homenagem por essa razão só, ainda que Ela não tenha feito nada para merecê-lo.

Iemanjá é o santo que toma conta da "cabeça",que"sustenta a cabeça", que nos protege de "perder a cabeça" por qualquer razão. A gente se encomenda a Iemanjá para não enlouquecer por besteiras. Ela protege as pessoas de cair no desespero e começar a beber demais, mantém as pessoas equilibradas, capazes de se controlarem. Ela é a protetora do bom senso e do sossêgo de espírito. Os filhos de Iemanjá jamais se rebelam; eles são calmos,pacientes.

Os filhos de Iemanjá são escrupulosos,responsáveis,sérios, formais, discretos, embora às vezes possam ter uma reação brusca.

Os filhos de Iemanjá são quietos, seguem sempre a mesma rotina, todos os dias igual. São respeitosos e confiáveis no cumprimento de seus deveres.

São moderados em tudo e nunca perdem a compostura.

Os filhos de Iemanjá nunca anerquizam, nunca se descontrolam em expressões de alegria nem em brigas. Eles não gostam de extravagâncias nem de desordem. Eles não são vivazes, mas são astutos, ardilosos.

Os filhos de Iemanjá hesitam largamente antes de decidir qualquer coisa; não gostam de ter que tomar decisões e se, então, alguma coisa ruim lhes sobrevém, permanecem inibidos por muito tempo. Por outro lado, quando tomam uma posição, se apegam a ela por muito tempo, mas nunca se empolgam ao ponto de defender apaixonadamente o que acreditam ser justo e acertado. Evitam tomar decisões drásticas. São exageradamente cautos e prudentes; jamais se precipitam.

Os filhos de Iemanjá têm uma mente estreita, convencional, quadrada. Eles têm falsos escrúpulos, são acanhados, mas não hesitariam em cometer uma ação desonesta ou trair alguém pa-

ra conseguir o que querem. Eles são covardes, conformistas e faltos de engenho.

Os filhos de Iemanjá têm reações lentas, e não agem em tempo para conseguir o que querem. Iemanjá faz as coisas, mas as faz devagar, meticulosamente.

Os filhos de Iemanjá são plácidos, descansados, muito lentos. Parecem sempre cansados, e são geralmente apáticos e desanimados. Eles não têm brilho, empolgamento. São calmos como o mar: não é possível saber o que se passa embaixo da superfície.

O povo diz que Iemanjá é falsa e que Ela é a rainha do mar: nós sabemos que, enquanto o mar parece calmo a primeira vista, por baixo da superfície pode estar arrastando você para as profundezas; quando você vê uma onda vindo na superfície, há uma outra por baixo carregando você para o fundo. É provavelmente por isto que Iemanjá dá com uma mão e tira com a outra.

Há, por último, neste mito, uma ausência significativa que merece ser explorada, a ausência do pai, Orixalá. É possível iniciar essa exploração com uma inversão dos termos. De fato, se trata da presença de um pai ausente, que não lança mão de sua autoridade para restaurar a justiça essencial que fora lesada por Xangô, favorecido pela mãe.

Quando se canta para Oxalá (durante o "toque", o ritual público), todos os orixás têm que curvar-se, porque Ele é o pai. Ele é um santo de caráter firme, confiável, mas é um santo velho e cansado(*).

(*) Existem, em realidade, duas qualidades principais de Orixalá: Orixaolufã e Orixaoguiã. No essencial do caráter elas são idênticas, mas o exterior, a aparência é diferente. Orixaolufã é velho e, portanto, mais lento e mais calmo em geral. Os filhos de Orixaoguiã são mais jovens e se comportam de forma mais energética e ativa podendo parecer, exteriormente, quase tão agitados e traquinos como os filhos de Xangô. Contudo, eles são só variedades de Oxalá e, no fundamental, a orientação da personalidade é a mesma.

Os filhos de Orixalá têm um caráter sempre igual, calmo, dócil, lento, demorado para fazer as coisas, para dar opinião.

Ele é mais humilde e bondoso dos orixás. Ele se contenta com um pouco de arroz (como oferenda ritual). Não é pretencioso nem interesseiro.

Se você olha a cara de um filho de Orixalá, você pode ver uma certa monotonia, um ar insípido. Os filhos de Orixalá são indiferentes, desanimados, não têm entusiasmo para nada, não têm vontade nem de falar. Não se empolgam por nada. Têm uma presença grave, pesada.

É justamente o perfil de um pai benevolente e discreto, um pai que não se impõe, que é passada adiante pelo seguinte mito da maternidade de Iemanjá:

Segundo episódio:

> "Iemanjá carrega esse odu (mensagem do jogo de búzios e também destino) de falsidade porque Ela foi falsa com Orixalá. Ela enganou o velho com Orumilá: os filhos de Iemanjá, em geral, costumam ser infiéis, e o velho teve que sofrer muitas ofensas na vida dele. Ela costumava ordenar uma galinha para o jantar, comia a carne, e deixava os ossos para Ela comer. E Orixalá agüentou tudo isso dela. Iemanjá também nunca foi dedicada aos filhos. Teve eles mas Oxum foi quem criou. Oxum nasceu da relação de Iemanjá com Orumila, mas Orixalá aceitou esta filha como se fosse dele e Oxum tornou-se sua filha preferida e foi quem cuidou da velhice dele.. E Ele sempre perdoou Iemanjá. Apesar de tudo isto, Iemanjé tem que ser respeitada por todo mundo porque Ela é o santo que "sustenta nossa cabeça" (sustenta o bom senso, o autocontrole das pessoas). Ela toma conta "da cabeça" dos filhos de todos os santos".

Imagem do pai que é reforçada por definições que salientam o caráter inócuo, embora louvável, de suas muitas virtudes:

Os filhos de Orixalá são reservados, não são extrover-

tidos. Eles não são gente comunicativa. São prudentes, cautos, metódicos e reflexivos; preferem pensar as coisas cuidadosamente antes de tomar qualquer decisão. São gente sábia: compreendem as coisas.

Os filhos de Orixalá suportam tudo. Orixalá é um santo muito submisso, muito obediente. É um sofredor e uma vítima: sofre muito maltrato e agüenta todo sofrimento com resignação.

O correlato deste pai é uma mãe hipócrita, que usufrui dos privilégios conferidos pela maternidade, mas preenche seu papel de maneira puramente formular. Ela suscita um fascínio ambivelente entre os membros do culto. Prova desse fascinação, mistura de admiração e raiva, é o empolgamento com que se aplicam a esmiuçar, em suas conversas, a complexa da personalidade de Iemanjá.

Os filhos de Iemanjá podem ser falsos, desleais para com seus cônjuges. Eles podem estar enganando o marido mas permanecem juntos. Podem enganar , mas não se separam: são conformistas em relação às convenções sociais.

Iemanjá tem essa posição superior porque Ela é mãe. Contudo, há muitas mães que dão à luz e abandonam os filhos na porta dos outros.

Os filhos de Iemanjá nunca são totalmente generosos , nem muito prestativos, nem com seus próprios filhos. Embora Iemanjá é mãe, não se interessam muito pelos filhos, não fazem mães muito dedicadas.

Os filhos de Iemanjá são mão fechada, não gostam de gastar, não esbanjam em jóias ou coisas estravagantes. Alguns filhos de Iemanjá são terrivelmente interesseiros e ambiciosos e querem tudo para si mesmos: só pensam no benefício que as coisas podem trazer para eles próprios sem preocupar-se pelos outros.

Apesar da aparente ternura, eles são distantes, frios, controlam completamente suas emoções sem deixá-las extravasar. Não se envolvem.

É muito difícil perceber os erros de um filho de Iemanjé: eles atuam de uma maneira muito prudente, muito discreta, muito dissimulada. Não deixam transparecer nada.

Os filhos de Iemanjá costumam ter duas caras e ser traiçoeiros. Eles podem estar falando com você e, no entanto, ter mil pensamentos traiçoeiros na cabeça. Tudo o que eles estão dizendo pode ser falso. Eles podem ter muito boas qualidades, mas o principal é isto: eles não são francos. São amáveis com todo mundo, mas não são leais a ninguém. A amizade deles não é confiável. Têm muita facilidade para estabelecer relações, são muito sociáveis, mas as relações que estabelecem são superficiais. Não abrem o jogo totalmente com ninguém.

Eles podem parecer ser extremamente bondosos, devotados, mas com eles as aparências são enganosas. Eles podem lhe oferecer mil coisas, podem fazer você acreditar que são generosos, para pouco depois decepcioná-lo então você percebeu que a primeira impressão era falsa, que eles só procuravam sacar alguma vantagem. Eles são maquinadores, ardilosos, encobertos, fazem as coisas por baixo do pano.

Os filhos de Iemanjá são desagradecidos: eles não reconhecem o favor recebido. Eles parecem confiáveis, mas eles podem ter uma falsidade inesperada.

A questão central com os filhos de Iemanjá é que eles nunca mostram o que são na aparência. A aparência deles é enganosa. Eles podem ser bons ou ruins, mas você nunca sabe,porque eles se autocontrolam para parecer sempre amáveis. Você nunca pode saber como eles realmente são porque o comportamento deles não é transparente.

Um filho de Iemanjá que é falso é um verdadeiro perigo porque eles parecem tão amigáveis: dando-se bem com você, beijando você, sendo afetuoso com você, enquanto podem estar culminando você por trás das costas. Você realmente nunca consegue sacar o que eles tem em mente. Eles são aparentemente sempre igual,sempre aquela mesma meiguice, aquela docilidade, aquelas maneiras suaves.

Os filhos de Iemanjá têm mudanças bruscas de humor, reações imprevisíveis. Podem surpreender com uma pancada brusca, inesperada, como o tombo do mar. Eles podem ser amáveis com você e tornar-se subitamente grossos. Mas não são vingativos, imediatamente depois voltam ao normal e esquecem tudo.

Os filhos de Iemanjá perdoam facilmente. Perdoam,mas estão sempre prontos a cobrar novamente de você o seu erro, e vol-

ter à questão, mas não de maneira direta, frontal, senão indiretamente.

Os filhos de Iemanjá são aparentemente serenos, mas na realidade não o são. Você pode pensar que são mansos até que você perturba eles. Você vê eles calmos, em frente de você, mas no momento que você vai e faz algo que desagrada eles, aquela calma se transforma em tormenta, em maré, em mar tormentoso. Os filhos de Iemanjá não deixam passar nenhum insulto, é essencial para eles desabafar com o ofensor antes de poder esquecer.

Os filhos de Iemanjá não são diretos: podem ser rudes e desagradáveis no momento que você menos espera. São calmos e chorosos. Mas, quando perturbados, sabem dizer a palavra que destrói, dizem coisas terríveis, sabem insultar e repreender duramente. Sabem censurar e ferir com palavras ásperas, sabem ser duros e dar um fora pera, imediatamente depois, ficar como se nada tivesse acontecido. A língua de Iemanjá é ferinte: eles ferem com a palavra.

Os filhos de Iemanjá são incapazes de guardar um segredo; são incapazes de manter uma amizade até o fim; são incapazes de ajudar-lhe e acompanhar você incondicionalmente e até as últimas consequências.

Iemanjá é melancólica, mas pode ser feroz também: uma mulher como Ela, uma mulher-peixe, que habita no fundo do mar, deve ser feroz, para que os peixes não a devorem. Ela é uma sereia, um ser misto: metade mulher, metade peixe, mas Ela sobreviveu por centos de anos porque tem autoridade. Neste sentido, Ela por um lado tem beleza, mas por outro Ela domina. Ela é a rainha do mar: governa sobre os peixes. Ela tem essa personalidade forte e dominadora, mas ao mesmo tempo mantém sua maneira suave de ser, seu jeito feminino. Os filhos de Iemanjá têm maneiras atraentes, são mimosos, bajuladores, sabem persuadir. Em alguns momentos têm uma personalidade brusca e, em outros, podem ser mais humildes que ninguém. A falsidade de Iemanjá vem do fato de que tem uma aparência pacífica mas também tem um gênio ruim, de tal forma que podem enganar: por trás do seu comportamento obediente (no seu cumprimento do dever, e na sua relação com as instituições e com as normas em geral), ninguém suspeita que se esconde uma pessoa atravessada, violenta. Porque eles não vivem exibindo sua força, sua fúria; pelo contrário, a escondem por trás de uma aparência humilde, amável e terna.

Os filhos de Iemanjá são "covardes". São ambiciosos e podem ser invejosos, mas não esquentam a cabeça com nada, não se dão ao trabalho de batalhar por nada, e não se incomodam por ninguém. São apáticos. São preguiçosos.

Eles podem trabalhar e manter um serviço estável, rotineiro, toda a vida, mas eles são em geral preguiçosos, estão sempre cansados. Só fazem cumprir com aquilo, e é aquilo mesmo.

Os filhos de Iemanjá são preguiçosos, no sentido de que podem ter um emprego e ir a trabalhar todo dia, mas não estão dispostos de fazer nenhum esforço a mais, não se atrevem a fazer nada além daquilo que são obrigados.

Os filhos de Iemanjá são muito apegados às suas memórias; as coisas que aconteceram com eles, sejam agradáveis ou dolorosas, sempre permanecem em sua memória. Estão sempre lembrando, olhando para trás, para o passado, pensando em coisas distantes. Sentem que as coisas que ficaram longe estão perto deles. É a melancolia (e a traição) do mar que separou os antigos da África e os trouxe para cá, é a melancolia pela terra originária.

Os filhos de Iemanjá são compassivos. São emotivos e choram facilmente. Se apegam muito às pessoas. Mas também é possível,que, ainda quando parecem compartilhar sua tristeza,estejam rindo de você por trás das costas. Você não pode ler a mente deles: são falsos, e muitos deles são incapazes de experimentar sentimentos verdadeiros.

Um traço fundamental no caráter de Iemanjá é o tédio. Eles podem animar-se em alguns momentos, mas em geral são enjoados, sem vontade de nada, nem de falar. Os filhos de Iemanjá são apáticos:não é fácil entusiamá-los. Poucas coisas lhes interessam.

No espaço que a maternidade puramente formal de Iemanjá deixa sem ocupar, entra a vocação materna de Oxum, a filha mais nova:

Oxum é quem toma conta das necessidades e providencia as coisas. Oxum é a mãe provedora. Ela está sempre disposta a tomar conta das crianças.

Oxum é a verdadeira mãe, a mãe criadeira, a mãe que toma conta dos filhos dos outros orixás. Ela é provedora. Ela se-

be cuidar, veler pelas necessidades dos outros.

Um outro aspecto do papel relativo à maternidade de Iemanjá é a relação que ela mantém com o seu filho favorito, Xangô:

Terceiro Episódio:

> "Xangô foi o filho favorito de Iemanjá. Ele ocultava os erros dele embaixo de sua saia. Ele ia sempre esconder-se debaixo da saia de Iemanjá.
> Xangô era muito safado, muito travesso, e quando ia em casa aperreava muito a mãe e comia tudo o que tinha lá. Foi por isto que Ogum proibiu Ele de se aproximar, de ir visitar a mãe. Por isto Ele chegava só quando Ogum saía, e para saber se Ogum ainda estava por perto Ele cantava a toada: "omã Ogum tá umbelé coajó..." Se a mãe respondia, queria dizer que Ogum não estava e então Ele entrava.Iemanjá sempre acobertou todas as traquinagens de Xangô. Ela ocultava de Ogum e de Orixalá tudo o que Ele fazia".

Novamente surge aqui a figura de Iemanjá como a mãe que exerce uma autoridade e estabelece uma ordem não fundamentada no princípio da justiça senão no privilégio de poder fazer escolhas arbitrárias. Como dizem:

> Iemanjá é mãe, como tudo aquilo que a palavra mãe representa: Ela dá aos seus filhos aquela proteção, aquela cobertura que torna eles inflados, hipócritas, donos da verdade, superiores a todo mundo. Por um lado parecem muito calmos, muito humildes mas, por trás dessa humildade, são de uma arrogância extrema. São de um jeito que você jamais percebe o que eles estão realmente pensando de você. Um filhos de Iemanjá é incapaz de deixar transparecer seus sentimentos de desgosto por você: isto é o que significa ser mãe, a mentalidade de mãe.

Enquanto Ogum, uma vez mais, é o bom filho não agraciado pelos favores da mãe. Acontece que, segundo o povo de Xangô, Ogum não sabe seduzí-la, faltam a ele jovialidade e jogo de cin-

tura:

O filho de Ogum pode ser bom, calmo, mas se você, por azar, o contraria, ele se afasta definitivamente de você; se você concordar em tudo com ele, ele é seu maior amigo, mas, à menor divergência com seu ponto de vista, ele não quer saber mais de você.

Ele é muito masculino e muito equilibrado. Ele tem a cabeça no lugar. Ele tem maturidade.

Não aceitam desordem nem anarquia, na casa deles há ordem demais.

E, de fato, Iemanjá não se interessa muito pelos métodos que use Xangô para agradá-la. Ele só mostra respeito pela lei que instaura seu próprio privilégio. Assim, só defende os bons costumes e, para isto, evita sistematicamente qualquer fonte de confusão ou anarquia. Ele é aquiescente com Xangô, sempre que a forma de legalidade seja preservada:

Quarto Episódio:

> "Estava perto do dia do aniversário de Iemanjá e todos os orixás prepararam seus presentes, mas todo mundo sabe como é Xangô... quando vê algo que Ele quer, não descansa até conseguí-lo. Exú, que era o pobre servente, não tinha nada para dar à rainha e preparou uma plantação de inhames porque Iemanjá adorava comer inhame e era a única coisa que Ele poderia lhe dar. Então, enquanto todos eles preparavam seus presentes, Xangô, no seu afobamento, não se organizou para comprar nada, mas ainda lembrava que ia ter o aniversário. Quando o dia chegou, Exú colheu os inhames, os lavou e os deixou ao sol para secar. Xangô passou e imediatamente notou, e sua cobiça cresceu ainda mais porque sabia quanto Iemanjá gostava de inhame. Então, Ele se aproximou de Exú e lhe pediu que desse os inhames para Ele dá-los como presente a Iemanjá. Exú disse que era o único presente que tinha para Ele, já que Ela era a

rainha e Ele só um pobre servente. Então Xangô começou a pressioná-lo, pedindo e pedindo uma e outra vez, até que Exú disse: "está bem, vou te dar os inhames só se você me deixar sentar à mesa e ser o primeiro a comer". Xangô respondeu: "sim, claro,não tem problema, me dá os inhames". Mas Exú, que conhecia Xangô muito bem, ecrescentou: "não é assim tão simples como você está pensando, eu quero sua palavra por escrito". Portanto Xangô, que só pensava nos inhames, assinou o papel e pegou o presente.Quando Iemanjá recebu os inhames de Xangô, Ela disse que era o melhor presente do mundo e ficou emocionada. Mais tarde, quando a cerimônia começou, a mesa estava pronta e todos os convidados importantes já tinha chegado, Exú entrou e não teve dúvida: se sentou à mesa. Iemanjá veio imediatamente até onde Ele estava, acompanhada por Orixalá, e mandou Exú levantar-se: "retire-se, retire-se, isto aqui não é para você, você come depois, essa não é a hora de você comer, esta comida aqui é para nós!"Mas Exú respondeu: "de jeito nenhum, eu não saio". E Iemanjá disse: "Você vai sair agora mesmo"... "não, não vou, porque Xangô, o rei, disse que eu iria comer primeiro na mesa". Então Iemanjá disse "não, você não pode" e mandou chamar Xangô. E Xangô disse: "não,você vai se levantar daqui imediatamente"... Xangô havia pensado que aquilo não passaria de conversa de Exú, e que chegada a hora Ele mandaria e Exú obedeceria o que Ele dissesse. Mas Exú, então, mostrando o papel assinado por Xangô, disse: "não, porque um rei não volta atrás na sua palavra, olhem o que diz nesse papel!" Só então Iemanjá cedeu e, desde então, Exú sempre come primeiro (nos rituais) para évitar confusão; e, desde então, o aniversário de Iemanjá é celebrado como a Festa do Inhame (que inicia o ciclo anual dos rituais no Recife)".

É por estes fatos, e outros, que diz-se de Iemanjá e seus filhos:

Eles são minuciosos, moderados, moralistas.

Os filhos de Iemanjá têm maneiras muito polidas, muito persuasivas e falam muito bem, sabem convencer. São muito medidos, controlados. Pode-se pensar que são calmos ou que são seguros demais.

Eles têm uma simpatia especial porque sabem como usar as palavras apropriadas ao falar e sabem como falar corretamente, fazendo você confiar neles por essa razão. Contudo, alguns deles, embora não necessariamente todos, podem trair sua confiança. São muito serviçais e atentos, e isso encoraja as pessoas a confiar neles também.

Eles conhecem muita gente, fazem relações facilmente, mas não fazem amigos.

Quando a gente olha para um filho de Iemanjá, a gente suspeita que ele vai desprezar a gente, que ele vai ofender, pisar em cima da gente, que ele vai secar vantagem da gente.A gente pensa que ele responde só por obrigação, por boas maneiras. Você se sente incômodo, constrangido.

Tem gente que se retrai totalmente na presença de um filho de Iemanjá, porque em frente deles é impossível ser espontâneo. Eles não têm vibração. É difícil se sentir à vontade; é difícil se sentir em confiança com eles, porque eles têm "aquele quedo", aquele polimento.

É fácil descobrir os filhos de Iemanjá à primeira vista por sua meiguice. Eles têm boas maneiras e são gentis, mas não são espontâneos. Iemanjá é meiga, mas não tem verdadeira ternura, No fundo, eles são mal-humorados.

O filho que ela protege, no entanto, nada tem da cuidada formalidade da mãe!

Xangô é muito à vontade; nunca perde a oportunidade de anarquizar. Ele é frívolo e não leva nada a sério. A palavra de Xangô não é confiável.

E usa sua astúcia,mas não seu esforço,para agradá-la:

Os filhos de Xangô são desleixados, folgados, descansados, não ligam para nada, não são de ir à luta para alcançar alguma coisa na vida. São covardes e evitam tarefas ou situações complicadas ou perigosas.

É sobre este tema que fala também o episódio que se segue, onde se mostra que a esperteza - e não o trabalho sistemático - é a via do aclamado rei Xangô.

Quinto Episódio:

"Xangô era quem, graças à sua engenhosidade, providenciava as coisas para Iemanjá e Orixalá. Ele era quem tomava conta de tudo e quem resolvia todos os problemas. Iemanjá já estava desconfiando de alguma coisa porque o conhecia bem e sabia que quando Ele cismava com algo e decidia que ia conseguir, nada podia detê-lo. Ele sempre fazia o que queria, pintava e bordava, mexia com tudo, mas não recuava. Então, Xangô decidiu ir a uma toureda. Ia ter uma grande festa. Vestiu-se inteiramente de vermelho e branco, e foi ao encontro do touro. Ele sabia que os touros não gostavam de vermelho. Iemanjá e Orixalá sabiam que Ele não podia vencer porque nunca havia sido toureiro.Pensaram que ia ser morto. Mas Ele foi em frente apesar de que ninguém acreditava que poderia sair-se bem. Chamou o touro e abriu sua capa para mostrar o vermelho. O touro olhou, balançou e correu para cima dele jogando Ele no chão. Quando se levantou, frente à multidão espantada que se havia reunido para olhar,correu para casa e buscou seu oxê (o machado duplo de Xangô). Voltou, e chamou o touro novamente. Desta vez, todo mundo estava certo de que Ele seria morto. Mas Ele repetiu o que tinha feito antes novamente: esperou com o oxê na mão e, assim que o touro esteve perto, bateu diretamente entre os chifres. O touro abriu a boca na hora, e Xangô pisou em cima dele: havia derrubado o touro e só com um toque entre os chifres! O povo então aplaudiu Ele entusiasmado e Ele pegou o touro , carregou para casa e deu para Iemanjá: "é para nós comer". E essa é exatamente a forma em que os bois são sacrificados nas obrigações de Xangô: com três pequenos golpes entre os chifres".

Onde a extravagância, o engenho e a popularidade de Xangô contrastam com a prudência e o bom senso dos seus pais. Uma vez mais, o seu interesse pela comida e a sua capacidade de alegrar a todos é o centro da ação. A simpatia que esbanja fez esquecer os métodos que use:

Xangô não tem idade, ele nunca perde a animação. Ele não conhece tristezas, tudo com Ele é na alegria. Ele não quer saber de problemas, de coisas desagradáveis: com Ele tudo é na brincadeira.

Ne casa onde um filho de Xangô more, cinco, seis, sete pessoas podem chegar que sempre haverá comida para elas. Ele atrai gente. Há alguma coisa nele que chama as pessoas, que faz as pessoas aproximarem-se dele.

ii. <u>O Ciclo da competição de Xangô e Ogum pelas mulheres</u>.

O motivo da briga de Xangô e Ogum pela coroa se desdobra na competição dos dois santos também pelas mulheres do panteão. De fato, eles lutaram tanto por causa de Iansã como por causa de Oxum.

<u>Sexto Episódio</u>:

> "Xangô e Ogum também lutaram entre eles por conseguir Iansã. Eles se encontraram no campo de batalha. Ogum veio armado da cabeça aos pés, carregado de ferros, completamente vestido com uma armadura metálica, capacete e todo tipo de proteção. Xangô, que sempre fez as coisas por impulso e não toma providências, veio sem nada, somente trouxe uma pequena pedra na mão. Ogum estava tão furioso que era impossível aproximar-se dele. Então Xangô jogou a pequena pedra e surgiram chamas. Ogum pegou fogo porque a pedra era o corisco, o meteorito que é a pedra de Xangô. Assim, Xangô ganhou Iansã: Ele venceu a batalha por meio da magia dele.

> De fato, Ogum foi um santo guerreiro, enquanto Xangô foi um santo brigador e brigou mais que Ogum. Xangô foi espadachim, um cavaleiro. Pelo contrário, Ogum foi um Orixá mais feroz, um orixá que estava sempre no interior da floresta caçando, lutando para sobreviver; enquanto Xangô ficou sempre desfrutando da boa vida, zombando o tempo todo, debochando o tempo todo. Xangô foi um santo de mais sociabilidade, o protegido da mãe e do pai, o mais mimado".

Na vitória das forças sobrenaturais milagrosas sobre as ferramentas industriosamente produzidas, da impulsividade contra a determinação e o esforço, da improvisação contra o planejamento achamos, uma vez mais, a boa estrela de Xangô derrotando o mérito:

Ogum é um santo guerreiro, um guerreiro profissional.É autônomi, autoritário e o mais viril dos santos.

Ogum leva tudo a sério. Na sua presença (durante a possessão) qualquer um pode ver a força de alguém que é determinado, que luta por conseguir o que quer, que está disposto a seguir na luta até alcançar, e para quem não há barreiras que o possa deter. Com sua força de vontade e espírito de luta, Ele supera qualquer obstáculo que possa haver em seu caminho. Ele ganha pela perseverança e enfrenta qualquer dificuldade.

Os filhos de Ogum têm força de vontade e são corajosos: sempre enfrentam a situação e vão em frente.

Os filhos de Ogum nunca se desviam ou desistem do seu propósito original: nada consegue distraí-los, nada muda sua cabeça nem seu objetivo. Ogum é obstinado e perseverante, e seus filhos se concentram completamente e com determinação naquilo que querem alcançar.

Eles podem perder a paciência e ser irascíveis. Podem tornar-se violentos e causar desastres, matar ou morrer de morte violenta. Quando um filho de Ogum entra, qualquer rixa pode acabar em derramamento de sangue. São audazes.

Os filhos de Ogum conseguem tudo o que se propõem com seu esforço. Eles são batalhadores e não trazem derrota para ca-

sa. Eles são lutadores incansáveis. Ogum é um santo trabalhador, esforçado. Tudo com ele é com trabalho.

Ogum é o santo do trabalho humano, das ferramentas, dos utensílios de metal feitos pelo homem e que lhe servem em todas suas tarefas. Por isso ele tem a ver com todas as pessoas, com toda a humenidede, com todo o mundo, em geral, pois não poderíamos comer sem a faca e o garfo. Carros, aeroplanos, bisturis, rádios , tudo pertence a Ele. Ogum representa o trabalho das pessoas mesmas: o martelo, o cravo. Os filhos de Ogum são gente muito ocupada e ativa. São muito energéticos. Tudo deles é alcançado com luta. Seu caráter é laborioso, enérgico e objetivo. Ogum encarna o esforço humano tenaz e sistemático.

Frente ao capricho da fortuna, determinação e espírito previsor não bastam. . Xangô é o protegido pela sorte e nada mais conta:

Xangô é um santo briguento: Ele briga por impulso; mas não é um guerreiro profissional.

Xangô pertence à natureza como o raio, o trovão, o meteorito: eles vêm da natureza, ninguém criou eles. Xangô representa os impulsos poderosos, arbitrários, caprichosos da natureza. Tudo o que é dele é conseguido desse jeito: com um golpe de sorte, com ajuda sobrenatural, com o poder mágico dele.

Os filhos de Xangô têm olhos vivazes e vêm tudo na hora. Xangô é um cara esperto, rápido, que não acredita de cara nas coisas. Os filhos de Xangô sacam tudo logo, com um olhar rápido já sabem onde o erro está.

Mas não é só na batalha que Xangô toma as mulheres de Ogum. Acontece que

Os filhos de Xangô sabem ser delicados, efetuosos.

Enquanto que os de Ogum

... são fechados, não fazem nada por adaptar-se nem para tornar-se agradáveis. São muito rudes e não sabem como ser delicados. Não fazem concessões.

Ogum é um santo solitário, que vive sozinho na floresta. Não sabe conviver com ninguém. Ele está só na luta dele, lá, como um homem prehistórico (alusão frequente ao fato de que é o filho

mais velho e seu corpo é coberto de pelos) que têm que caçar cada dia para comer, que têm que se defender o tempo todo das feras, dos animais selvagens.

Estas e outras diferenças de personalidade tiveram peso na hora de Xangô levar também Oxum:

Sétimo Episódio:

> "Xangô já era casado com Iansã mas Ele viu Oxum uma vez: uma mulher muito bonita, com os cabelos louros, e, de fato, tudo o que Xangô viu e desejou sempre veio às suas mãos, porque Xangô é o santo de seita com a magia mais forte. Então, Ele começou a perseguí-la. Ela era mulher de Ogum, mas Ogum era pobre e Xangô era o rei: Ele tinha dinheiro e poder, enquanto Ogum era só um caçador e não tinha muito para oferecer a Oxum em sua vida juntos. Xangô era um belo negro de olhos verdes. Então, Ele foi atrás até que conseguiu falar com Ela: "se você ficar comigo, eu vou colocar um tapete de ouro sob teus pés para você nunca mais pisar no chão. Todas minhas riquezas são tuas!".
>
> Oxum viu que Ele era rico e charmoso e foi só ouvir Xangô falar em ouro que deixou Ogum e foi-se embora com Xangô. Xangô é exatamente o tipo de pessoa que Ela gosta. Xangô é louco por Oxum e Oxum por Ele. E cada mulher que Ogum teve Xangô tomou dele.

Neste novo confronto, emerge o perfil de Oxum, quem-como veremos - concentra na sua pessoa os papéis de mãe criadeira, filha favorita do pai e amante perfeita.

Oxum gosta de homens, é namoradeira e se sente sozinha se têm uma pessoa só na sua vida.

Oxum só quer riquezas, conforto e segurança. Ele é a rainha do ouro.

Os filhos de Oxum gostam de desfrutar de luxos sem ter que investir esforço nenhum em conseguí-los. Tem uma mente prática e sempre tentam o caminho mais fácil.

As filhas de Oxum são extrovertidas, sabem exibir o corpo. Podem não ter beleza, mas têm graça.

As filhas de Oxum são vaidosas, amostradas. Gostam de sair bem vestidas, perfumadas, para ser olhadas por todo mundo. Gostam de estar bonitas, chiques, para o povo reparar nelas. Tudo o que Oxum usa é vistoso: é difícil achar um filho de Oxum sem jóias de ouro, sem sapatos finos e sem um ar exibido na maneira de mover-se. São um povo bastante extravagante porque gostam de ser notados.

Oxum é convencida, é faceira e tem distinção. Oxum tem classe.

Por estes atributos de seu caráter, Oxum acabou preferindo Xangô. Ogum, porém, direito e viril como Ele é, perseverou, apesar da derrota, no cumprimento de seus deveres.

Oitavo Episódio:

> "Ogum é um santo responsável com um forte sentido do dever e Oxum vivia com Xangô e estava com muita fome. Xangô, que estava interessado só em comer galo com beguiri (a comida ritual de Xangô), deve a Ele muito ouro, muitas roupas bonitas, uma casa linda mas, à hora de comer, dizia: "Ele tem que comer a minha comida" e, com isto Oxum seguia passando fome porque beguiri não é a comida dela. Um dia que Xangô não estava em casa, Ela estava muito bonita na varanda: muito linda, muito elegante, muito chique, mas faminta. Ogum passou a cavalo levando umas lindas galinhas amarelas (a comida ritual de Oxum) e lhe disse: "Oh, rainha Oxum, bela como você é, porque você chora?. Ela respondeu: Xangô me dá de tudo, menos meu jinjé (comida em Iorubá), e Oxum está faminta". Ele então disse: "Se você não morreu até agora, minha filha, você já não vai morrer, toma estas galinhas para você". Ela pegou as galinhas, correu para dentro de casa, cozinhou e comeu. Quando Xangô regressou, achou Oxum feliz e de barriga cheia. Ele disse: "Só pode ter sido Ogum", tomou seu machado e foi brigar com Ogum, que estava passando por uma ponte na partes mais larga do

rio. Tentou começar a luta, mas Ogum, que é muito maduro, disse a Ele que não queria briga, que tinha dado comida a Oxum porque Ela era uma rainha e não podia morrer de fome, que jóias, roupas e uma casa não eram as únicas coisas importantes, que Oxum tinha que comer a comida dela. Então Xangô disse que Ela era a mulher dele e portanto Ele era dono de tratá-la do jeito que quizesse e Ela tinha que conformar-se com bequirí, roupas e jóias. Ogum não concordou, mas insistiu em não brigar. Xangô, perdendo a paciência, jogou-lhe o machado, mas Ogum se protegeu. Então, Ogum novamente argumentou que não queria brigar, que Ele deu as galinhas a Oxum sem segundas intenções e que, sendo Xangô o filho preferido de Iemanjá, Ele, Ogum, não faria nada que pudesse causar sofrimento à mãe de ambos, entrando numa guerra contra o filho que Ela gostava mais. Mas Xangô começou a atacá-lo, e só quando Ogum viu que estava a ponto de ser ferido lançou sua espada sobre a perna de Xangô. Quando puxou a lança, Xangô ficou na ponte com a metade do corpo do lado de fora, tremendo de medo de cair na água e pedindo ajuda - a água estava estragando seu charme! (Xangô tem pavor de água) -, e Ogum correu para o palácio para falar com Iemanjá e informá-la do que havia acontecido. É por isto que alguns Xangôs, ao descer (em possessão), são coxos de uma perna. Xangô e Ogum são muito diferentes e sempre rivais. De fato, Ogum é muito responsável e respeitoso de seus deveres".

Novamente o confronto, que ilumina ainda algumas dimensões novas da diferença entre os dois irmãos e aprofunda a descrição das veleidades caprichosas de Xangô contra os rigorosos princípios de Ogum:

Os filhos de Xangô são muito preguiçosos, descansados. De fato, apesar dele ser elétrico, nervoso, Ele é igualmente preguiçoso: uma vez que comeu, que encheu a barriga, o resto

do mundo que se dane.

O filho de Xangô tem explosões súbitas:. Ele explode sem medir as consequências, sem planificar. Se ele sente o impulso de fazer alguma loucura, ele faz, ainda sabendo que pode se arrepender depois.

Os filhos de Xangô são susceptíveis, irritáveis e esquentam logo; eles têm uma personalidade explosiva. Quando Xangô está furioso, ele é incontrolável. Ele é rei; todo mundo tem que baixar os olhos na sua frente, durante o Eniká (louvação ritual a Xangô).

Os filhos de Xangô são impetuosos, violentos, precipitados, exagerados; podem, às vezes, até ser rudes. Eles se agitam por pouca coisa. A raiva dele é uma explosão, mas passa logo. Ele esquece a ofensa facilmente.

Xangô não é rancoroso. Um filho de Xangô pode ester falando com você agora, e uns minutos mais tarde você fala para ele e ele não lhe responde, e lhe insulta: não quero saber mais nada com você. Mas, se você vem com boas maneiras, ele esquece tudo na hora. Xangô lhe dá uma face, e depois lhe oferece a outra: Ele deixa a pessoa lhe fazer mal uma e outra vez. Se você ofende Ele, Ele quer dar um soco na sua cara na hora, mas logo ele está brincando de novo com você. Ele não guarda mágoa contra ninguém e esquece sua taiva com a mesma facilidadecom que perde a calma.

Xangô é arbitrário. Se Xangô está do seu lado, ajudando você, e alguém vem e oferece mais para Ele (do que você lhe dá), Ele lhe deixa e vai embora com a outra pessoa: Xangô dá mais a quem oferece mais. Xangô vem na sua ajuda quando convém a Ele. Ele fica do lado até de quem não tem razão, e não quer nem saber, sempre que você "cubra" Ele (de oferendas rituais ou de presentes).

Xangô pode dar-lhe algo e tomá-lo de você logo; Ele dá com a mesma facilidade com que toma, e espera logo que você lhe dê alguma coisa..

No entanto:

Se Ogum jura lealdade, Ele fica do seu lado até o fim, para o que der e vier. Ogum ajuda pessoas que têm problemas com a lei ou que estão envolvidas em litígios ou demandas, mas Ele o

faz só quando o caso deles é justo, quando são inocentes.O que Ogum dá é certo, duradouro. Os filhos de Ogum são decididos, e tudo com eles tem que ser certo e correto. Eles costumam sair na defesa dos outros, entrar em brigas para defender alguém. Quando você tem alguma coisa difícil a fazer, se você fixe o pensamento em Ogum, você encontra forças para vencer as dificuldades.

Ogum é "machão" mas também é paciente: lhe dá uma segunda oportunidade, lhe dá tempo para se recuperar.

Os filhos de Ogum são reservados. Não gostam de brincadeira nem de anarquia. Não são muito amáveis nem convidativos. Não se envolvem em violência facilmente, mas quando o fazem se tornam ferozes e não perdoam. Ficam com o mesmo assunto na cabeça por muito tempo.

Os filhos de Ogum têm uma aparência áspera, mal humorada, são tensos. Embora se trate de uma boa pessoa, você pode pensar que se trata de uma pessoa ruim. Ogum é um santo "pesado": se Ele tem que matar, Ele mata; Ele sempre faz o que deve fazer. Eles são bravos. Não brigam por pequenas coisas mas, quando brigam, são ferozes

Cabe aclarar, contudo, que apesar de sua estrela, Xangô tem seus pontos frecos, seu lado vulnerável porque, de tão impulsivo:

... pode tornar-se torpe, desajeitado, descontrolado.

e de tão cobiçoso:

Xangô está sempre faminto: nada o satisfaz. Ele é guloso, glotão. Gosta de comer, gosta de mulheres, gosta do poder, gosta de se divertir. Xangô é insaciável, ambicioso, sempre quer mais.

E foi nessa base que, por uma única vez, Xangô foi vencido pela capacidade que Ogum tem de planejar a ação:

Nono Episódio:

> "Somente uma vez Ogum conseguiu tomar uma mulher de Xangô, e foi por causa da gula de Xangô: Ogum mandava constantemente presentes a Xangô, mas Xan

> gô devolvia todos eles dizendo que não estava interessado - Xangô é, em verdade, bastante desconfiado das coisas -, até que um dia, Ogum lhe enviou uma cesta enorme e cheia de quiabo. Assim que Xangô viu o quiabo se sentiu muito feliz e satisfeito e foi imediatamente comê-lo, esquecendo a mulher. Ogum então tomou-a e fugiu com ele".

iii. O Ciclo de Xangô e suas Mulheres, e da Guerra aos Malês

Xangô viveu então, à sua maneira, com suas mulheres. Oxum - como já disse - foi para Ele, por sua docilidade e indulgência, a amante perfeita:

Décimo Episódio:

> "Oxum é muito feminina, muito inocente; as filhas de Oxum, quando gostam de um homem, não querem nem saber se ele é ou não é casado, elas gostam e isto é o único que conta para elas: Oxum foi de Xangô e ficou para sempre com Ele e Xangô nunca a abandonou, embora Ela sempre soube que Ele tinha esposa (Bansã) e que Ele tinha ainda uma outra mulher (O bá)".

As qualidades de Oxum são as mais estimadas pelo próprio Xangô e pela maioria do povo santo.

Os filhos de Oxum perdoam facilmente; eles esquecem a sua raiva imediatamente.

Os filhos de Oxum são indulgentes e podem ser contentados facilmente. São simples e compreensivos.

Os filhos de Oxum são facilmente magoados mas não ficam irados ou chateados se alguém maltrata eles e esquecem logo. Oxum é tranquila. Se alguém a faz sofrer, Ela dá rapidamente a volta por cima. Nunca pára para olhar para trás ou lembrar a má sorte. A arma principal de Oxum é a sua habilidade para "fazer a vista gorda". Ela se amolda a tudo e aceita tudo.

Os filhos de Oxum evitam qualquer enfrentamento. Se eles têm que dizer a você alguma coisa desagradável, eles tentam sempre adiar o momento. Se eles decidem falar com você sobre alguma coisa que você fez errada, falam, , para imediatamente tentar achar a maneira de você esquecer o que falaram, para não deixar você com mágoa.

Oxum é paciente, benevolente e raramente castiga.

Os filhos de Oxum são muito tolerantes e complacentes nas suas relações.

Oxum se amolda aos desejos e às expectativas dos outros. Oxum é ingênua, infantil, manhosa, cheia de dengo.

As filhas de Oxum raramente casam e têm uma predisposição para levar uma vida fácil, frívola. Podem gostar e ter muitos casos ao mesmo tempo. Mas quando, finalmente, Oxum se entrega a alguém, Ela é fiel.

Ainda mais, se alguma vez o ciúme causou-lhe alguma perturbação, Ela resolveu sozinha e Xangô nem ficou sabendo:

Décimo Primeiro Episódio:

> "Oxum é muito viva e sabe como usar seu engenho para conseguir o que Ela quer: certa vez Obá (que foi outra concubina de Xangô) perguntou a Oxum o que foi que Ela fez para Xangô ficar tão apaixonado dela. Oxum prometeu-lhe então que iria passar-lhe o segredo para atrair Xangô. Aconselhou-a a cortar uma orelha e cozinhá-la na comida de Xangô para não perdê-lo mais. Obá seguiu o conselho e ficou aleijada. Oxum, que é muito astuta, lhe deu a dica errada".

Porque:

Os filhos de Oxum têm atrativo sexual, são faceiros , caprichosos, e pensam que só eles é que têm direito.

As filhas de Oxum têm muita "chama" para homens e sabem muito bem como atraí-los: fazem um gesto e um admirador aparece. São muito bem sucedidas em questão de amor.

Oxum tem muita imaginação, sempre sabe encontrar uma solução engenhosa para qualquer problema. Ela sempre encontra al

gum meio para conseguir o que quer: "rebola, dá capoeira e resolve". Oxum é esperta, ágil, rápida.

No caso de Iansã, Xangô encontrou algumas dificuldades que não teve na sua relação com Oxum. Em primeiro lugar, foi pela força que Xangô conseguiu dobrar a intransigência de Iansã:

Décimo Segundo Episódio, versão a):

> "Xangô foi até o palácio de Iansã porque queria Ela. Ele teve que lutar contra todos os Exús de Iansã (Exú é às vezes servente, às vezes porteiro e às vezes guarda) para conseguí-la porque Iansã é uma santa muito difícil e não queria se render a Xangô. Os filhos de Iansã são sempre muito altivos, muito orgulhosos. Então Xangô disse para si: "eu vou ter Ela", e chegou lá e venceu todos os Exús. Finalmente, quando Ela viu Xangô derrubando todo mundo, Ela disse: "podem deixar Ela entrar, podem deixar Ela entrar". E Ela entrou, mas só quando Ela viu que Ele estava a ponto de vencer seus Exús e entrar no palácio de qualquer jeito!

Desta maneira, através de Xangô e seus caprichos, Iansã, a estrangeira, se incorpora à família de Iemanjá como um santo temível e dotado de um forte sentido da honra e de justiça.

Iansã é um santo com muito fundamento, um santo que não gosta de muita brincadeira. Ela é vingativa, um santo guerreiro, um santo de muita responsabilidade.

Os filhos de Iansã são altivos, autoritários.

Portanto, não foi sem fazer exigências que Iansã finalmente concedeu unir-se a Xangô num casamento peculiar. É neste mito, justamente que,frente à figura caprichosa de Xangô, começa a torner-se clara a dimensão do contraste entre os perfís de Iansã e Oxum.

Décimo Segundo Episódio, b): Onde se mostra que Iansã, a diferença de Oxum, impõe suas condições, não se deixa enganar:

"Xangô estava um dia andando a cavalo quando viu um palácio. Ele disse para si: "eu vou para lá". Chegou e perguntou ao porteiro quem era o dono, e o porteiro respondeu: "pertence a Oiá (nome Iorubá de Iansã). E Ele disse: "eu quero falar com Ela" , mas o porteiro respondeu: "não é possível". "Mas eu quero falar com Ela!" insistiu Xangô. Então, o porteiro entrou a averiguar e contou para Iansã que lá fora estava um cavaleiro, um rei, pedindo para vê-la. Ela, então, chamou Xangô para entrar. Mas quando Ele entrou e fêz uma reverência em frente dela, Ela imediatamente sentiu aquele cheiro (cheiro de carneiro, animal que Xangô come em oferendas e que Iansã aborrece). Então, Xangô lhe perguntou se queria casar-se com Ele. Ela perguntou onde Ele vivia, e Ele disse: "no vedun sobo" (nome Gege da morada dos orixás). Ela falou então: "Isto é a terra de Taipa (Iansã é uma extrangeira);agora, me diz qual é o seu gingé (comida)" "Curi agbó" (carneiro), disse Xangô. Portanto, Ela disse: "não, eu não quero me casar com você porque você come"isso" (Ela não pode nem pronunciar o nome). Mas ofereceu-lhe uma solução intermediária: aceitou casar com Ele só se Ele, cada vez que estivesse afim de comer, concordasse em ir para a terra dele e ficar três meses por lá antes de voltar para casa. Xangô aceitou e eles casaram. E essa é a razão que se diz que Xangô é o marido de Iansã: Eles são casados, mas não vivem juntos. E essa é também a razão pela qual Oxum é sua concubina!

E é por isto que se diz, sem muita admiração, que:

As filhas de Iansã não são muito afortunadas com seus casamentos: elas não aceitam nenhuma transgressão por parte dos maridos. Condenam todos os erros sem deixar passar nada.

Se uma filha de Iansã não gosta mais do marido, ela

começa a fazer falsidade com ele mas simplesmente deixa ele.

As filhas de Iansã são propensas a ficar sozinhas (sem cônjuge). Ainda que não o desejem. Podem estar legalmente casadas, mas tem a tendência a separar-se dos seus maridos. São muito independentes e impetuosas. Podem deixar um homem por outro, podem afastar o homem delas.

Contudo, nesta relação, Iansã acabou sofrendo algumas transformações e se feminizou. Desde então, a androginia de Iansã ficou submergida sob um corpo e um rosto de mulher:

Décimo Terceiro Episódio:

> "Antes Iansã era a mulher de um guerreiro. Ogum, e era Ela mesma um santo guerreiro. Ela era muito agressiva e só mais tarde tornou-se mais feminina, em consequência de sua relação com Xangô. Porque Xangô é um cavaleiro muito cortês, muito galante : Ele é popular, muito sociável e um paqueredor. Com certeza, Xangô foi o orixá que teve mais mulheres. Ele era considerado um namorador".
> "Iansã foi originalmente homem, e Ela era rei. Ela é o hermatã (vento) em chamas. Ela é o orixá do fogo, e Ela é o fogo e o vento Ela mesma. Hoje o aspecto masculino dela é o raio, o meteorito (Xango)".

Dela e de seus filhos diz-se:

É possível ver a feminidade de Iansã no seu rosto apesar de todo seu poder: você vê no retrato de Santa Bárbara os traços do belo rosto de uma mulher. Contudo, também é possível ver que se trata de uma mulher forte. A sua beleza é a beleza dos fortes, uma beleza que revela poder. Uma beleza que nada tem da graça caprichosa de Oxum nem da meiguice de Iemanjá. Se trata de uma beleza mais fechada e mais grave.

Iansã é um santo muito masculino, Ela é o aspecto feminino de Xangô.

Iansã é uma mulher extremadamente forte no seu poderio. Ela tem a seu cargo a mais masculina de todas as tarefas:

dominar os espíritos dos mortos. Ela comanda os espíritos masculinos e femininos, portanto Ela é mais forte que os homens. Ela é forte porque Ela lutou em muitas guerras, Lutou mais que muitos homens: é um santo guerreiro. Ela, como Joana d'Arc, foi uma mulher guerreira.

A descrição das diferenças entre Oxum e Iansã é aprofundada ainda em relação ao desempenho de cada uma delas na guerra que Xangô decidiu empreender contra os malês:

Décimo Quarto Episódio: versão a)

> "Se uma filha de Oxum vem, reboba e faz amostração, a filha de Iansã entra a competir com ela, porque cada uma tem muito ciúme da outra. Elas não se dão bem, Elas têm muito ciúme por culpa de Xangô. Elas já brigaram muito por causa de Xangô. Xangô tomou o palácio de Orumilá para roubar Oxum, e Xangô levou Oxum com Ele. Mas quando Ele teve que sair para reconquistar sua própria terra, que estava nesse tempo nas mãos dos malês, Ele dependeu de Iansã. Foi por isso que Iansã sempre fez Xangô se humilhar na frente dela, sempre fez Ele dizer que necessitava a ajuda dela para conseguir tomar de volta sua terra dos malês. Porque os malês não queriam nem escutar falar de devolver a terra. Contudo, quando Xangô arrombou o palácio de Orumilá, enfrentou os Exús e fugiu com Oxum, Iansã, zangada com Ela, fez Ele perder a batalha contra os malês. Ele havia chegado para eles com muita arrogância e os malês lhe responderam: "nós não queremos nem saber quem é você, nós nunca vimos você antes". Então, Ele teve que voltar e ir consultar o oráculo de Orumilá, e Orumilá lhe disse que Ele ia ter que depender de uma mulher para ganhar. Ele pensou que essa mulher seria Oxum, mas não era Ela: Oxum se excusou respondendo que não gostava de brigas. Ela disse: "eu quero paz, não quero guerra; eu só quero é tranquilidade". Portanto, Ele só pode recor-

> rer a Iansã, e Iansã foi com Ele. Então, Ele voltou para a terra dos malés e a segunda batalha foi uma batalha astral, porque Iansã chegou lá às portas da cidade, levantou sua espada (o atributo de Iansã), e tudo o que tinha ao redor foi alcançado pelo relâmpago e o trovão, e o vento soprou como se o mundo estivesse a ponto de acabar. E quando a tormenta e o vento causados por Iansã pararam, Xangô estava sentado lá, em cima de um morro onde tinha muitas ovelhas, muitos carneiros e muitas cabras (a comida dos diferentes orixás) e os malés estavam todos prostrados em frente dele.
> Oxum só liga para charme, siririca e dengo: enquando as outras mulheres de Xangô estavam trabalhando para Ele, arriscando a vida por Ele, indo à guerra para ajudá-lo, Oxum ficou fazendo nada, Ele se recusou a ir para a guerra com Ele".

Onde se esclarece, para evitar possíveis malentendidos, que de Oxum, apesar de ser amiga solidária, não se pode pedir sacrifícios. Oxum é quem gosta das horas leves de um cotidiano agradável, e é, contudo, do lado de Oxum e não de Iansã que - aos olhos do povo -, em última instância, a fortuna fica:

> Os filhos de Oxum são habilidosos, não são preguiçosos. Mas eles somente aceitam serviços leves. Eles não se prontificam para enfrentar qualquer tipo de desafio nem para realizar qualquer tarefa.
>
> Os filhos de Oxum se solidarizam com você, ficam do seu lado, mas vão só até a metade do caminho: não se arriscam demais por ajudar você; quando vem o primeiro obstáculo, eles voltam. São confiáveis, mas não gostam de situações difíceis.
>
> Os filhos de Oxum são espontâneos, fáceis de tratar, populares. Eles alcançam tudo com facilidade e sem esforço. Eles gostam de levar uma vida tranquila, agradável, sem angústias.
>
> Oxum só quer que gostem dela. Detesta problemas, desconfortos e situações incômodas ou difíceis. Se predispõe a ajudar, mas desiste antes de ter que enfrentar qualquer perigo ou dificul

dade.

Oxum é indulgente, complacente, pouco exigente com Ela mesma. Não gosta de esforçar-se. Não se preocupa muito com as coisas. Não esquenta a cabeça com nada.

Além de outras frequezas:

A maioria dos filhos de Oxum gostam de uma fofoca. Eles lhe contam um segredo e lhe pedem para não comentar com ninguém, mas eles mesmos já o estão espalhando.

Os filhos de Oxum têm muitos defeitos. Eles são faladeiros, gostam de um fuxico, são enxeridos. Eles gostam de"fazer render" qualquer assunto.

Em contraposição, o papel de Iansã é elaborado com maior detalhe na seguinte versão do mesmo episódio:

Décimo Quarto Episódio: versão b)

"Geralmente, todas as nações reconheciam Xangô (como rei): o povo de Nagô, o povo de Xambá... mas os malês (que são mulçumanos) não o reconheciam.Então, Ele foi lá, na cidade dos Malês para deixar alguém da sua família lá. Mas quando Ele chegou, os Malês não aceitaram: "aqui não, aqui somos todos de um mesmo sangue, ninguém que seja diferente entra aquí, nós somos um outro povo!" Xangô não gostou; Ele já tinha estabelecido sua gente em todas partes, então porque esse povo alí não aceitava Ele?. "Não, aquí todos pertencem à nossa nação!". Xangô então foi-se embora mas, assim que chegou à casa dele, chamou Iansã,contou-lhe que tinha sido rejeitado e lhe perguntou se Ela estaria disposta a acompanhá-lo para a guerra. Iansã aceitou na hora, fixaram a partida para o dia seguinte e saíram pontualmente.Iansã foi na frente e Xangô atrás. Iansã, aquela mulher enorme, ia completamente coberta de fogo, com relâmpagos saindo dela em todas as direções. E Xangô, o trovão, ia atrás, com os coriscos (o meteorito de Xangô) caindo em volta dele. Eles foram em frente..Os coriscos iam destruindo os malês de tal forma e a

> terra e todas as coisas tremiam tanto, que pensaram que o mundo ia acabar. Eles viram Iansã frente a eles, lançando o raio, o relâmpago, o trovão e os meteoritos mas, quando levantaram os olhos para ver, reconheceram Xangô e compreenderam que era Ele que estava chegando. Enquanto ia chegando perguntou: "então?". Os Malês rogaram a Ele que parasse a tormenta, mas Ele respondeu: "como fica, então, vocês me aceitam ou não?" "Por favor, venha você e toda a sua família, se você quiser. Você pode mandar em todo mundo, se quiser, todo mundo!: nós não queremos ser destruídos!". Então, Xangô se instalou na cidade dos malês também e, a partir dali, tem Xangô em todas as nações.
> E foi também para poder ficar entre os malês que Xangô deixou de comer porco. Antes disso, Xangô comia porco (nas oferendas rituais), mas era tão forte sua vontade de entrar na nação malê que teve que abrir mão de comer porco para sempre. E essa é também a razão pela qual a toada que diz: "obá oló odó, ê malê ê malê" não pode jamais ser cantada na frente dele. Ele não gosta dessa toada porque ela conta como Ele rejeitou (os costumes de) sua própria nação para tornar-se malê".

Onde vemos que, à diferença de Oxum, as virtudes do esforço e do mérito que caracterizam a Iansã levam implícito um destino de dificuldades e infortúnios:

> Iansã é quem vai à frente nas demandas.
> Iansã protege e dá ajuda ainda que isto a leve a situações de perigo e dificuldade.
> Iansã é um orixá corajoso: Ela foi um sento guerreiro. Ela é imponente e aterradora. Ela é orgulhosa. Os filhos de Iansã são imperiosos, tempestuosos, firmes, constantes e não fazem concessões. Não se importam com ter equilíbrio ou moderação. Têm uma força, um domínio, uma impetuosidade. Têm uma personalidade muito forte e são gente direita. Não é fácil aproximar-se de uma pessoa de Iansã.

Iansã é o orixá do relâmpago e do raio, o vento e a tormenta: Ela é um santo extremamente forte. Ela è Santa Barbara. Ela pode agüenter o contato com os eguns (espíritos dos mortos). Ela reina sobre os eguns e tem poder para dominar tudo o que é sinistro.

Iansã é o único santo que não teme a morte: permanece ao lado do filho até o fim. Ela lhe acompanha quando fica doente e só lhe deixa quando finalmente morre: vai com ele até a porta do cemitério.

Iansã é diferente de todos os outros santos-mulher por ser um santo de caráter firme, um santo decidido: todos seus filhos têm uma certa força, uma capacidade de agüentar, de resistir as dificuldades. São terminantes, firmes em suas decisões. Não retrocedem frente aos problemas senão que os enfrentam até o fim.

Os filhos de Iansã são inteligentes e corajosos: apesar de ser um homem, Xangô não tem coragem de ir até onde Iansã vai.

Os filhos de Iansã são temerários: enfrentam a vida e dão conta das dificuldades. São muito diligentes. Gostam de conseguir as coisas por eles mesmos. São zelosos e perseguem seus objetivos silenciosa e obstinadamente. São gente reservada. Trabalham com energia e em silêncio.

Iansã é um santo lutador. Ela é um santo batalhador com maneiras femininas. Os filhos de Iansã encaram a vida como uma batalha permanente.

Iansã tem um caráter intransigente. É altiva e lutadora. "Não dá colher de chá".

Os filhos de Iansã podem ser violentos; quando é preciso lutar, Ela o faz sem medo das consequências. Ela é danada.

Iansã não pede opinião de ninguém. Não é mulher fácil. Não é mulher molenga, que gosta só do fácil. Ela é "lutadora", não mede esforços para conseguir o que quer.

Os filhos de Iansã se lançam com resolução e sem reservas a qualquer tarefa, aceitem qualquer desafio. Eles encaram as coisas como homens, sem duvidar da sua capacidade nem de suas forças para alcançar seus objetivos; jamais hesitam na frente de obstáculos, sempre vão em frente até o fim. Não conhecem desalento: são determinados e enfrentam a vida com coragem. São destemi

dos. Sabem exatamente o que querem e estão dispostos a sacrificar-se na luta por conseguí-lo. Estão sempre prontos a esforçar se além das suas possibilidades.

Os filhos de Iansã são trabalhadores, não escatimam esforços para cumprir com o que se propuseram. Eles aceitam qualquer tarefa que a vida lhes coloca na frente. Os filhos de Iansã são gente que dá conta de suas responsabilidades, são empreendedores e são também realistas. Ela é muito exigente com Ela mesma, muito esforçada, e cumpre com as responsabilidades que assume até o fim.

Os filhos de Iansã têm critério e discernimento sobre as coisas. Elee têm opiniões definidas e são comprometidos.

Ela é a companheira de luta de Xangô e o correlato astral de seus extraordinários poderes:

Xangô é o santo do trovão, do trovão, que vem sempre acompanhado pelo raio: elas sempre vão juntos. Com eles, o meteorito cai rasgando a terra, rachando a cajazeira em dois. fazendo tremer as pedras de Xangô lá embaixo, produzindo aquele ruído rouco. O meteorito é o "corisco", a pedra de Xangô (o seu assentamento ritual). Na tormenta, a pedra de Xangô treme como se estivesse sentido a comoção do trovão. Essa tormenta, essa comoção é a qualidade de Xangô. Xangô é uma força muito potente.Ele tem esse ímpeto, essa explosão, essa vitalidade.

Um Xangô que sempre vence graças à ajuda sobrenatural que recebe e aos seus poderes mágicos, e que, para conseguir aquilo que deseja, está disposto a tudo, inclusive ao sacrilégio maior de mudar de hábitos alimentares - se consederemos que as "obrigações" rituais de oferendas de comida são o componente mais fixo e preservado do complexo nagô.

iv. <u>O Ciclo de Xangô e a morte</u>

Ele é um santo jóia, um santo muito divertido:só quer comer, beber e divertir-se: se pintar uma doença, ele escapa e não quer mais saber de você. Xangô abandona o filho quando este

adoece.

Foi também, graças à intervenção de ajudantes cósmicos e à sedução que Ele sempre exerceu sobre as mulheres, que Xangô conseguiu fugir da morte e, uma vez mais, um truque salvou-o de uma situação que não parecia ter saída. É por isto que tristezas, derrota e morte jamais são associadas com Xangô:

Décimo Quinto Episódio:

> "Xangô e Iansã permaneceram juntos até o fim. Ele também manteve Oxum. Só que elas duas morreram antes que Ele. Xangô era um famoso mestre de esgrima e foi traído. Sua fama como um grande espadaxim havia-se difundido e um dia três sujeitos desconhecidos vieram de longe dizendo que queriam aprender com Ele. Mas Xangô é desconfiado das coisas, pressentiu a traição e começou a luter com eles. Antes de começar, os homens ascenderam um fogo atrás do lugar onde seria a briga, para empurrar Xangô até lá. Mas Xangô se defendia e devolvia os golpes: "tome esta! e esta!" Mas eles eram três contra um e forçaram Ele na direção do fogo. Quando Ele finalmente compreendeu que estava por ser derrotado, chamou Oxum e Iansã. Iansã soltou o relâmpado, Oxum mandou as águas, e ambas subiram seguidas por Ele. Foi encantado e os outros continuaram procurando Ele até hoje. Por isso, se fala que Xangô não morreu nem foi enterrado embaixo da terra: Xangô está sob um encantamento mágico. Xangô jamais morreu".

"Não morreu e não foi enterrado" diz o povo, porque

Xangô não gosta de nada encoberto, de nada oculto. Ele tem aversão a lugares escondidos, covas, buracos, e tudo o que tem a ver com o mundo de baixo, com o mundo dos mortos. Ele tem aversão aos espíritos de Macumba, e tem sua magia própria que nada tem a ver com a Macumba. Ele tem aversão a cemitérios, mortos e a qualquer coisa relacionada com a morte. Ele gosta

das coisas claras, abertas, é bem humorado e está sempre disposto a cair na gargalhada.

Sua relação com a morte é explorada de outro ângulo no seguinte episódio:

Décimo Sexto Episódio:

"Xangô evita qualquer aproximação com os mortos e jamais entra no quarto de balé (onde os eguns ouespíritos dos ancestrais do culto permanecem fixados e recebem oferendas de alimentos). E é assim porque uma vez os ojés (sacerdotes a cargo do culto aos eguns) convidaram Ele a entrar no quarto de balé a participar com eles dos rituais. Lá dentro, Xangô pôde ver e inspecionar tudo o que tinha, observou como as coisas eram feitas e acompanhou com atenção tudo o que eles fizeram (se trata do aspecto mais secreto da tradição nagô). E aconteceu que, assim que Ele saiu de lá, falou para todo mundo o que tinha visto (não revelarei aquí o que Xangô contou). Por isto, os ojés expulsaram para sempre Xangô da sociedade deles e foi banido de voltar a entrar no quarto de balé. Foi assim que Xangô perdeu todos seus privilégios na sociedade dos eguns e ficou proibido pronunciar seu nome no quarto de balé. Porque Ele agiu como um ofidã (alguém que não acredita, alguém que duvida). Desde então, sua patente (de rei) não significa nada lá dentro". (Ver uma análise exaustiva deste mito em Cervalho 1988).

Onde o tema central é o ceticismo irreverente, a curiosidade iconoclasta do herói. Várias extrapolações são feitas pelos membros do Xangô a partir deste ceticismo e elas iluminam seu perfil de cientista, de "pesquisador" - que observa o que não pode e fala o que não deveria:

Os filhos de Xangô são muito inteligentes, muito rápidos. Têm a mente aberta. Eles gostam de experimentar, de prover as coisas. Eles têm tendência a duvidar, no sentido de que, para

Onde é colocada em relevo a capacidade que Oxum tem de cuidar do bem-estar dos outros, de promover o conforto das pessoas que estão ao seu lado. Capacidade esta que jamais leva a Oxum a sacrificar-se em esforços prolongados e, na fala do povo do culto, é associada aos seus talentos domésticos:

Os filhos de Oxum são muito divertidos, muito leves , muito afetuosos e sempre procurando ser mimados. Eles são também chorões.

Todo mundo gosta dos filhos de Oxum. Eles sabem atrair o povo. A casa deles é sempre cheia de gente entrando e saindo.

Os filhos de Oxum têm um dom natural e não aprendido paraa cozinhar, costurar e todas as habilidades domésticas.

Oxum gosta de tudo muito limpo, tudo muito caprichado. Ela cuida dos detalhes.

Os filhos de Oxum são muito enganhosos, muito habilidosos, e têm recursos e desenvoltura para tudo. Você pode levé-los a qualquer lugar sabendo que eles sempre vão saber tratar as pessoas. os filhos de Oxum ão muito vivazes, muito ativos. Seus olhos são muito vivos.

A docilidade e subserviência de Oxum em relação à figura paterna, como no caso de sua relação com Xangô, granjeiam-lhe amor e proteção e - segundo a opinião dos seguidores do culto - lhe garantem uma vida na abundância. Estes atributos aparecem ainda com nitidez maior quando contrastados com a atitude oposta de Iansã.

Décimo Oitavo Episódio: versão a) e b). Onde se fala de rebeldia de Iansã em relação a Orixalá. Aos olhos do povo do santo, Iansã suscita um respeito que se mistura com pavor; há um horror pela crueldade dela com o "pobre" Orixalá, cuja aberta preferência pela dócil e paparicadora Oxum resulta perfeitamente compreensível aos membros. Há um horror ao seu estilo drástico,

para acreditar, eles querem ver a evidência, eles querem ter provas. Um filho de Xangô pode ser um pesquisador, alguém que lê, que estuda, que averigua, uma pessoa que só acredita naquilo que pode ver e tocar com suas próprias mãos. Eles são desconfiados, céticos.

(Mas) Xangô fala muito, fala demais, fala o que sabe, o que não sabe e o que ainda está por saber. Ele diz qualquer coisa que cruzar por sua cabeça. Ele faz uma barulhada danada.

v. O Ciclo de Oxum, Iansã e Orixalá

Na complexa trama destas articulações, um núcleo muito fértil em significados se forma em torno ao vínculo que existe entre o pai, Orixalá, e a filha mais nova, Oxum. Este vínculo apresenta uma certa simetria com aquele que une a mãe, Iemanjá, com o filho mais novo, Xangô:

Décimo Sétimo Episódio:

> "Oxum foi sempre mimada, sempre protegida: alguns dizem que Ela foi a neta de Orixalá e não a filha como muitos acreditam; outros dizem que Orixalá criou Ela mas não foi o verdadeiro pai. Ela é uma filha roubada e é a menina dos olhos do Velho: a preferida. Ele é devotado a Ela e faz qualquer coisa que Ela quer".
>
> "Se fala que Orixalá não foi o pai de Oxum. O pai de Oxum foi de fato Orumilá. Mas Orixalá adotou Oxum e Ela foi uma filha muito boa para Ele. Ela foi quem tomou conta do ancião. Ela cuidou dele com muita dedicação, com muito amor. Era Ela quem preparava seu banho, quem cuidava de suas roupas, quem lavava para Ele, quem preparava suas comidas e tomava conta de tudo. Ela era a menina dos olhos de Orixalá e, por isto, qualquer coisa que você deseja obter de Orixalá, você pode pedir no nome dela que você consegue".

às suas vitórias alcançadas através do sofrimento. A justiça que Iansã faz é sempre apresentada como cara demais, onerosa demais, "pesada" demais. Um preço que, se é possível optar, ninguém está disposto a pagar. Sobretudo porque Orixalá, apesar de omisso,não é malvado. Se Ele representa, na sua pessoa venerável,, o sistema inteiro de relações que constituem o panteão, isto não significa que Ele exerça de fato o poder que seu papel de pai lhe confere. Num contexto patriarcal, Orixalá é o pai que se omite de seu papel. Iansã, com seu voluntarismo, parece não entender que é inútil lhe dirigir suas agressões; o ódio que sente por Ele,pela sua paternidade benévola - retratado nas duas versões seguintes - é visto como excessivo pelo povo do culto:

> "Iansã sempre foi ruim, Ela viveu sempre revoltada contra Orixalá. Uma vez pegou a bengala do pobre velho e atirou-a no mar. Oxum vinha descendo, viu Orixalá chateado e lhe perguntou o que estava acontecendo com Ele. Orixalá disse que Iansã, por pura maldade, havia jogado sua bengala no mar;e agora Ele estava vendo ela ir embora na água salgada e sem poder fazer nada (Orixalá não pode entrar em contato com o sal). Assim que Oxum não duvidou um segundo, pulou dentro da água e pegou a bengala de Orixalá. Então, Ela cantou aquela toada de Oxum Taladé que diz: "A semi semi/oya mi a taladé, oya mi a taladé/ora ye yé Oxum..." Trouxe a bengala até o rio, lavou-a, retirou todo o sal e devolveu-a a Orixalá. Desde então, cada vez que Orixalá necessitava dela, passou a chamá-la com essa mesma toada!"

> "Oxum é muito caridosa: Ela é uma boa samaritana e tem o dom de curar e aliviar a dor dos que sofrem. Orixalá adora Oxum porque Ela é muito boa para Ele: uma vez, Ele tinha uma ferida numa perna e estava chorando e queixando-se de dor. Então, soprou um vento muito forte, Iansã chegou e perguntou o que

estava acontecendo com Ele. Orixalá mostrou a perna e Ele, sem compaixão nenhuma, misturou pimenta, sal e cinza, colocou a mistura na ferida, cobriu com um pano e amarrou dizendo que era um curativo. Foi-se embora e Orixalá ficou ali se contorcendo de dor e começou a chorar e a cantar a toada de Oxum Taladé. Aos poucos, Oxum chegou trazendo sua moringa de água, lavou-lhe a ferida com água de rio, retirou as cinzas, o sal e a pimenta, colocou algumas ervas curativas que cresciam perto da nascente e amarrou a ferida com a toalha branca de Orixalá, que sarou em seguida. É por isso que Orixalá ama Oxum e jamais diz não a qualquer coisa que Ela pede dele".

Neste contexto, Orixalá é a vítima indefesa:

Os filhos de Orixalá são muito pacíficos, não se magoam facilmente nem ficam ressentidos por pouca coisa. Ele tem muita paciência e tolera muitas ofensas dos filhos dele. Orixalá é um santo humano e triste; Ele carrega com Ele o sofrimento sem revoltar-se, e as mais das vezes Ele perdoa.

Os filhos de Orixalá têm pouca saúde e ficam viúvos, geralmente quando ainda são novos. As pessoas nascidas com alguma deficiência ou com alguma diferença ou anormalidade, assim como os que nascem "laçados e empilicados" (com o cordão umbilical ao redor do pescoço e a cabeça presa na pela da placenta), são considerados filhos de Orixalá. Orixalá é um santo velho: Ele tem a ver com doença, com debilidade, com velhice, e os seus filhos sempre têm alguma coisa que faz eles parecerem cansados, como alguém que tivesse trabalhado duro o dia todo; às vezes alguma coisa na curvatura da coluna que dá a eles um ar cansado. Você pode perceber a idade de Orixalá na aparência, no físico dos seus filhos. Eles têm um rosto áspero, sério.

Orixalá é um sofredor. Os filhos de Orixalá são fracos, no sentido de que não são empreendedores, não são ambiciosos. Tudo é difícil para eles.

Oxum, a boa samaritana:

Os filhos de Oxum são muito femininos. Se comovem fa-

cilmente e são sensíveis. São ternos e humanos. São efetuosos e dedicados.

Oxum é a rainha do rio, das águas doces, e gosta de tudo o que é doce, agradável.

Os filhos de Oxum são solidários. Se alguém está doente, eles imediatamente comparecem, a qualquer hora do dia ou da noite, para ver o que é que podem fazer para ajudar. São prestativos.

Os filhos de Oxum compartilham seus problemas e são serviçais. Eles se prontificam para lhe ajudar. São amáveis, dedicados, cuidadosos.

Os filhos de Oxum realmente se comovem com seu problema. São sinceros no pesar que expressam por você e efetivos na sua ajuda.

Oxum é sentimental e sensível, terna e muito meiga, bondosa e amável, caritativa e dedivosa. Oxum é sentimental, mas está sempre animada: não quer saber de tristezas ou dificuldades.

E Iansã, a malvada de estória:

O filho de Iansã pode ser cruel, desumano, implacável. Eles podem castigar as pessoas sem compaixão. Eles são respeitados e temidos.

Iansã é um santo difícil de agradar, Ela é rebelde; é difícil saber como tratar com Ela.

Os filhos de Iansã se revoltam com facilidade.

Iansã é a rainha do Candomblé: a rainha de todos os espíritos. Ela é Sente Bárbara, e foi chamada Bárbara pelas barbaridades que cometeu: foi despiedada. Ela não é fácil. Ela é uma mulher vingativa. Ela resolve tudo por meio da espada e do fogo. Ela controla o mundo dos espíritos, as forças sinistras, a Macumba e a fumaça (tudo o que tem a ver com feitiço).

Os filhos de Iansã trabalham em silêncio para conseguir o seu objetivo: são secretos e você só fica sabendo o que eles tentaram quando eles já conseguiram.

Os filhos de Iansã não têm medo de nada. Eles têm um rosto fechado, antipático e um porte autoritário, altivo. Ele nunca faz o que não quer fazer. Ela olha como dizendo: comigo

não brinque ou você se lasca. Ela sempre encontra a forma de ser superior. Ela é uma mulher interessante.

Os filhos de Iansã não são muito simpáticos nem sociáveis. Alguns deles são diretamente maldosos, cruéis: podem fazer mal às pessoas, podem vingar-se enviando-lhes espíritos malvados para danã-los.

Não é fácil se agradar de um filho de Iansã à primeira vista: parecem fechados, reservados. As pessoas dizem que são orgulhosos demais, que se sentem superiores, que querem sempre se destacar, que não querem que ninguém seja melhor que eles. São imperiosos, chatos e facilmente irritáveis.

Os filhos de Iansã são arrogantes, rudes e se chateiam facilmente. Eles querem ser importantes demais.

As diferenças de personalidade entre Oxum e Iansã são também exploradas usando como recurso o tema da vocação materna que, como vimos, constitue igualmente uma das dimensões do contraste entre Iemanjá e Oxum:

"Segundo alguns, os gêmeos Ibâje - Cosme e Damião - foram filhos de Oxum com Ogum, mas para outros Eles foram filhos de Iansã com Xangô. De qualquer maneira, foi Oxum quem criou Eles: Oxum é a mãe criadeira entre os orixás. Porque Iansã teve Eles mas não quis ser mãe e os abandonou. É por isto que os filhos de Iansã não são muito chegados a crianças. Eles podem até ter filhos, mas dão eles para outros criar. Eles não são maternais. Inclusive, tem alguns que falam que, de fato, Iansã foi estéril e nunca deu a luz".

Assim como na passagem de sedução e abandono protagonizada por Ela.

<u>Décimo Nono Episódio:</u>

> "Os filhos de Iansã são mais fortes que os filhos de Oxum. De fato, Iansã venceu Ela. Se diz que na vida dos orixás aconteciam as mesmas coisas... que hoje. Assim que, um dia, Oxum passou e Iansã estava na porta da casa dela. Iansã era muito bela,

> muito atraente, mas Oxum era mais esperta e mais sem-vergonha. Oxum, vendo Iansã tão linda, disse para si: "vou canter Ela", pensando em derrubar a coroa de Iansã, e passou na frente dela com sua moringa de água na cabeça e cantando a toada: "Baba é/ que mi fana dan/ que mi fa de o." Foi passando e rebolando. Iansã primeiro ficou chateada e disse que não queria nem escutar falar, que Ela não gostava dessas coisas, mas saíram juntas e finalmente Iansã cedeu. E Oxum foi tão safada que, uma vez que Iansã cedeu, ficou com Ela, e tudo aconteceu, Oxum passou a gostar de uma outra criatura. Então, Ianeã foi buscá-la para bater nela e Oxum teve que se refugier dentro do rio, onde Iansã não pode seguí-la (Oxum é a dona das águas doces, enquanto Iansã, no Brasil, é um orixá da terra). De fato, Oxum foi obrigada a fugir para não apanhar de Iansã, e não conseguiu tirar proveito do que fez."

Onde o público sorrí condescendente perante a volubilidade da favorita Oxum:

Os filhos de Oxum mudam de opinião facilmente: para eles dá o mesmo ficar de um lado ou ficar do outro. Hoje podem fechar a cara para você e amanhã dizer e alguém que gostam de você.São inconstantes.

Os filhos de Oxum são gente sorridente.

Oxum tem aquele chamego, aquele dengo. Oxum sabe encantar. Ela é graciosa, suave, meiga.

Os filhos de Oxum são carinhosos. Eles têm aquele jeito derretido. Eles sempre têm um "nhẽ-nhẽ-nhẽ". São namoradeiros.

Oxum é muito popular, muito agradável: o povo adora Ela. É um orixá muito animado.

Enquanto não vê promessa alguma de sucesso ou felicidade nas virtudes severas de Iansã:

Iansã é bastante descuidada na suaa aparência. Os fi-

lhos de Iansã costumam ser gente atraente, ter grande beleza física, mas não são sedutores. Usualmente não se preocupem em maquilar-se ou em vestir roupas boas porque pensam que a pessoa deve apresentar-se como verdadeiramente é. Elas querem é ser notadas pela sua importância,pela sua força.

Os filhos de Iansã demorem muito tempo para fazer amigos. Não têm um magnetismo muito forte nem uma "chama" para atrair pessoas: são retraídos, reservados. Iansã não é muito de alegria ou animação.

Os filhos de Iansã podem tentar suicídio. Eles têm tristezas profundas. Eles guardam as mágoas sofridas e ficam ressentidos. A tristeza de Iansã é um funeral.

Os filhos de Iansã têm um lado sombrio.

vi. O Ciclo de Iansã e a traição de Agbô (Carneiro)

O assim chamado "espírito vingativo" de Iansã deflagra-se, finalmente, na sua relação virulenta com o agbô. Ela é narrada em duas variantes, ambas significativas porque somente numa delas é a própria Iansã que é atingida pela ofensa do carneiro:

Vigésimo Episódio: versão a)

> "Iansã odeia Agbô, o carneiro, porque Ela se sentiu traída por Ele. Agbô era quem espalhava todas as notícias do que acontecia no palácio; todo mundo queria saber quem era o "fofoqueiro". Mas um dia Oxum e alguém mais queriam fazer algo contra Iansã e decidiram enviar (o feitiço) num bracelete. Pegaram um dos braceletes de Oxum e o colocaram dentro de uma caixa. Agbô foi encomendado de entregá-lo a Iansã, já que ele era quem levava e trazia, o fofoqueiro do palácio. Quando Agbó já estava a caminho, Iansã - que já tinha percebido o que preparavam para Ela - veio na forma de um vento forte, abriu a caixa, retirou o bracelete e colocou um pequeno pássaro no lugar. E desde então Ele aborrece o carneiro; Ele não pode comê-lo e seus filhos também

não podem nem aproximar-se da pele dele. Por que o carneiro é um bicho muito falso: você tem ele preso e, de repente, ele vira de um jeito que você cai".

Na outra variante, porém, não é contra Ela que a traição vai dirigida e, contudo, seu senso de justiça chama Ela a agir.

Vigésimo Episódio: versão b)

"Se fala que houve um problema entre Agbô, o carneiro, e Ekin, o pássaro, que sempre foram antes bons amigos. Agbô traiu Ekin e, desde então, Iansã abomina Agbô. Ekin, o pássaro, era muito amigo do carneiro e costumava contar-lhe tudo o que via na casa de Xangô. Ele lhe contava o que Xangô comia e até quando Xangô não tinha o que comer. Tal era a confiança de Ekin em Agbô, seu grande amigo. Finalmente, Xangô concluiu que o fofoqueiro era Ekin, e convocou o carneiro para trazer Ekin na frente dele. Então, Ekin, entendendo que sua situação estava a ponto de ficar difícil, fugiu. Xangô enviou Agbô para buscar Ekin. O carneiro chegou à porta da casa de Ekin e bateu: "quem é?" "É Agbó!" Então Ekin abriu a porta e Agbô o pegou, o pôs numa caixa e correu para a casa de Xangô. Mas, nesse momento, Iansã mandou uma ventania, abriu a caixa, libertou Ekin e pôs um bracelete no lugar. Quando Agbô chegou, Xangô lhe perguntou: "você tem Ekin nessa caixa?"."Sim, tenho ele". "E se ele não estiver aí?" "Se ele não estiver aí eu te dou a minha cabeça". Então, Xangô abriu a caixa e só tinha um bracelete dentro. Portanto. Agbô teve que dar sua cabeça a Xangô. Iansã protegeu Ekin e ficou para sempre aborrecida com Agbô por sua traição. É por isto que os filhos de Iansã não podem comer nem encostar na pele de carneiro e nem encostar na corda que prende eles. E foi a partir daquele dia que Xangô come carneiro (em oferendas rituais),e Iansã não come por causa do seu ódio pela falsidade de Agbô".

Portanto, e a partir do contexto comportamental do mito, é possível fazer uma tradução do que o povo do Xangô descreve com os termos "espírito vingativo", para o que chamamos "espírito justiceiro". De acordo com seu ponto de vista, a escolha de palavras não é casual: a agressividade de Iansã e, sem dúvida, justiceira, mas é também desumana. Novamente aqui, não é este o preço que o povo do santo estaria disposto a pagar pela justiça.

Iansã é muito quente e esquenta a cabeça com facilidade.

Iansã é como o fogo, como a fumaça, como o azeite quente.

Ela é a rainha do feitiço. Ela corta o mal, desmancha qualquer coisa ruim que tiver por aí.

Os filhos de Iansã são sinceros. Lhe deixam saber a qualquer momento o que estão pensando de você.

Iansã é franca, e aborrece falsidade e traição, é por isso mesmo que Ela amaldiçoou o carneiro. Ela também aborrece máscaras e gente mascarada.

Os filhos de Iansã são os que alimentam sua raiva por um tempo mais longo: eles ficam ressentidos por muito tempo.

Os filhos de Iansã são extremamente vingativos. Eles são capazes de esperar por muito tempo, mas finalmente sempre dão o troco. Não aceitam desaforos de ninguém. Não toleram nada, nem sequer um grito. Não deixam ninguém pisar na cabeça deles.

A palavra dos filhos de Iansã é definitiva. São gente inflexível, que não trata de agradar ninguém, que não faz concessões.

Iansã tem um forte senso de justiça e não perdoa. Ela não tolera abusos. Se ofende facilmente e sua raiva, assim como sua mágoa, duram muito tempo. Ela permanece chateada, mas "espera para ver" (a justiça ser feita, o castigo acontecer, a derrota dos seus inimigos).

Os filhos de Iansã querem intervir, se envolvem, lutam por fazer prevalecer sua opinião.

Os filhos de Iansã são seguros de si mesmos, inquebrantáveis e confiáveis: você pode acreditar neles. Não gostam de fa

focas. São sérios.

Os filhos de Iansã saem na defesa dos outros. São inclinados a fazer favores. Se eles estão com você vão até qualquer lugar com você, vão até o fim para ajudar você, vão e voltam com você e enfrentam qualquer dificuldade mas não lhe abandonam.

vii. Um mito de Orixalá

Encontramos, por último, uma dimensão única de equivalência entre Iansã e Orixalá, apesar de todas suas divergências já narradas. O pai, que permanece a maior parte do tempo ausente e passivo em relação à sua mulher e aos seus filhos, revela-se intransigente num episódio que protagoniza. Contudo, essa severidade de caráter não lhe serve para se antecipar aos eventos, trabalhando de uma maneira ativa na criação da ordem, senão que se faz sentir sob a forma de reação, a reboque dos fatos, na modalidade do castigo.

Vigésimo Primeiro Episódio:

> Ekodidé era um pequeno pássaro amigo de Orixalá. Orixalá lhe confiava todos os seus segredos e desejos. Ele se sentava e o pássaro ficava no encosto da cadeira dele. O Ekodidé era um pássaro muito bonito, com uma cauda belíssima. Mas um dia Exú, com ciúme e inveja de Orixalá, pegou uma tijela de azeite, Colocou-a perto da cauda do pássaro e ele se encheccou com o azeite. Então, quando Orixalá se levantou e o pássaro se levantou também, o azeite pingou sobre Orixalá, e por onde o pássaro ia, o azeite manchava tudo (Orixalá não pode entrar em contato com azeite). Assim, quando Orixalá olhou para trás e viu o que tinha acontecido, Ele emaldiçoou o pássaro: "não quero ver você nunca mais; De hoje em diante você é um agé (algo que trz azar) para mim. Fo

> ra da minha casa!" E, de fato ninguém deve ofender Orixelá. Os filhos dele são realmente assim; eles jamais perdoam a quem lhes ofende seriamente, e a praga deles é sempre eficaz. Mas, como Orixelá e Ekodidé sempre haviam sido tão bons amigos, o pássaro ficou muito magoado, e Orixelá guardou uma de suas pequenas penas vermelhas como lembrança dele".

Descobre-se aqui o caráter veladamente inflexível do pai e sua incapacidade de perdoar quando recebe uma ofensa maior. Revela-se, ainda, que alguém deve pagar pelo agravo, independentemente de que seja ou não o verdadeiro culpado, ou que se atinja ou não a verdadeira causa.

Os filhos de Orixelá são tão suaves e meigos como um filho de Oxum ou Iemanjá. Mas Ele, no fundo e em silêncio, é autoritário: não faz concessões.

Orixelá não gosta de falsidade. Seus filhos não gostam de falar da vida dos outros; não gostam de briga nem fofoca e todo mundo gosta deles.

Orixelá tem uma serenidade, uma benevolência infinita, uma singeleza indefinível; isto porque Ele é uma sumidade, alguém superior. Mas Ele é também inflexível, rigoroso.

Os filhos de Orixelá demoram horas para falar, e quando falam é aquela letania. Ele é muito hesitante, ponderado. Contudo, por trás dessa calma toda, há uma ira oculta e, quando finalmente perde a paciência, Ele é grosseiro.

Orixelá tem a condição superior de ajudar nas situações mais difíceis e de interceder pela pessoa com os outros santos: se você adoece, você tem que recorrer a Orixelá em primeiro lugar; se você está sendo punido pelo seu orixá, o único caminho que você tem é recorrer a Ele. Ele é o único que pode ajudar. Contudo, quando Ele decide castigar o filho, quando decide que não dá mais, o castigo dele é o pior de todos, e nenhum outro orixá pode interceder, só Orumilé. Quando finalmente castiga, sua punição é irreversível. Quando chega a esse ponto, os filhos de Orixelá são extremamente vingativos e não perdoam;

são justiceiros inflexíveis. Orixalá pune com severidade e não permite ao filho perder-se, seguir o mal caminho. O castigo de Orixalá é pesado.

A raiva de Orixalá é duradoura. Eles são muito bons para rogar pragas; a praga deles sempre chega.

Os filhos de Orixalá são gente de opinião. Tomam seu tempo para falar e tomar decisões, mas, uma vez que têm uma posição tomada, jamais mudam de idéia e sua palavra, quando finalmente dada, é definitiva. São teimosos, inflexíveis e autoritários. Apesar de sua calma, não se curvam nem escutam ninguém. Têm a indiferença de quem está por cima, de quem é superior.

3) MITO: DISCURSO EM BUSCA DE UM SUJEITO

Contudo, o discurso do Xangô não se compõe só de textos mitológicos e coloquialismos intercalados. O discurso do Xangô acaba de compor-se justamente com a participação do povo no mito ou, poder-se-ia dizer, com a irrupção da audiência no mito.

É possível identificar a recorrência desta idéia da completude do discurso formado por palavras e ato, de maneira mais ou menos explícita, em autores de orientações as mais diversas. Lévi-Strauss (em 1970:55), por exemplo, afirmou o caráter aberto da estrutura para receber nela a atitude afetiva do homem, que completa o artefato da cultura. Já Geertz (1975), acunhou a convincente metáfora da "teia de significados", onde diferentes dimensões simbólicas verbais e não verbais se constituem umas em contextos das outras, iluminando-se e tornando-se inteligíveis mutuamente.

Inclusive Foucault, ao afirmar que, "na verdade, não teria sentido dizer que existe apenas o discurso (verbal); seria como esquecer que por exemplo, "a exploração capitalista, de cer

ta forma, realizou-se sem que jamais sua teoria tivesse sido na verdade formulada diretamente num discurso. Ela pode ser revelada posteriormente num discurso analítico... mas os processos históricos da exploração exerceram-se... sobre a vida das pessoas, sobre corpos..."(1979:122). Há discursos, no sentido amplo, e há - aclara Foucault - elementos extra-discursivos que permitem entendê-los, estudar suas estratégias.

Giddens, ainda, criticou as limitações de linguagem e chamou a atenção para o fato de que "a constituição desta em 'significativa' é inseparável da constituição das formas da vida social como práticas contínuas" (1979:4).

Contudo,a imagem que me parece mais esclarecedora para compreender a realidade do mito no Xangô foi construída por Gadamer ao falar da estrutura simbólica de uma peça ou representação, no nosso caso a ação do mito, como uma realidade fechada entre quatro muros onde um destes cai, deixando, por assim dizer, o que é narrado ou representado, como uma estrutura aberta. Porque, diz Gadamer, a abertura em relação ao espectador é parte da qualidade fechada da representação. A audiência somente completa o que a peça enquanto tal é". (1975:98).

No caso do Xangô, a interação entre esta audiência e as narrativas à qual ela é exposta pela tradição é expressa, primeiramente, em forma afetiva. Mas esse afeto se refere particularmente aos caracteres, é dizer, aos papéis que o mito exiba.

Assim, vão se estabelecendo afinidades e antipatias entre o público e os personagens, com os motivos que estes representam. Nesta relação, e não nos personagens mesmos, é que deve buscar-se a primeira chave para a compreensão do texto religioso do Xangô, e é por ela - como já disse - que passa a vi-

da real do mito, a sua atualidade. Um olhar inicial e exploratório do comportamento e das atitudes do povo do Xangô, seja em contextos rituais ou na sua vida cotidiana, mostra a respeito a seguinte tendência consensual:

Ogum representa o motivo da retidão e do direito, o trabalho duro e o investimento programado de energia para alcançar metas definidas. Em relação a esta figura, a tendência é manifestar respeito juntamente com um certo estranhamento, e também um grau de compaixão.

Xangô encarna o motivo da ambição ou cobiça, a engenhosidade, a falta de escrúpulos e o esbanjamento de energia vital. Suscita admiração, adoração: é o personagem mais popular.

Orixalá é o motivo da paciência, resistência ao sofrimento e da autoridade fundamentada na idade e na sabedoria. O público lhe ama e se compadece por suas dores, ao mesmo tempo que prefere evitar esse destino.

Iemanjá encarna claramente o motivo da ordem, do respeito às hierarquias e às normas; do privilégio atribuído (na maternidade genética), mas não conquistado (na criação efetiva dos filhos). O povo sente por ela respeito, antipatia e desconfiança(*).

(*) O mito da falsidade de Iemanjá com Orixalá confirma e reforça a condição de privilégio atribuída a Iemanjá. Sua posição como mãe dos orixás e esposa de Orixalá foi preservada, e quando Ela traiu "o velho" o fez com um orixá de status ainda mais elevado que ele mesmo. Portanto, sua associação constante com o princípio de autoridade é reforçada neste episódio. De fato, Orumilá é a mais alta entidade cultuada no Recife e este é um dos raros mitos em que Ele participa da ação.

Oxum representa o motivo do prazer e da sedução,da fartura e abundância, da vida agradável. É tão popular quanto Xangô, suscitando simpatia e admiração(*)

Iansã representa o motivo da justiça, o ressentimento e a repulsão do mal. O povo sente por Ela temor e um certo espanto e respeito.

É importante aclarar que, ao lado desse consenso, há opções particulares e divergentes. Existem, de fato, gostos individuais que divergem,em dependência, as mais das vezes, do santo pessoal; como também preferências de grupos com atividades específicas (os militares e policiais, por exemplo, podem oreferir Ogum como seu santo tutelar, e as prostitutas e enfermeiras Oxum); e escolhas ligadas a grupos com genealogias aepecíficas dentro do culto (como a casa mais antiga e ortodoxa de Recife, fundada sob a tutela de Iemanjá). Contudo, cada vez que os membros do culto manifestam uma diferença de opção ao respeito da da orientação valorativa predominante, geralmente não o fazem sem primeiro reconhecer explicitamente que este existe.

Os diferentes tipos de relação que se estabelecem entre o povo do Xangô e os membros do panteão, como já disse, se expressam em atitudes observáveis no curso da interação social, nos gestos que acompanham os relatos míticos e em uma variedade de evidências que vão desde reações emotivas à chegada destes orixás em possessão ao caráter dos vínculos que se geram em tor-

(*) Oxum também representa o motivo da maternidade adquirida através do mérito, em oposição à maternidade de Iemanjá como privilégio atribuído,tema que explorei no meu artigo em 1985.

no e pessoas concretas. A dramatização, no cenário social, destas simpatias e antipatias geradas pelo cenário divino pode ser entendida como um meio de tornar manifestas uma série de afirmações acerca do mundo através do recurso do mito.

A reelaboração ativa dos personagens, imbuindo-os ; de valor, torna evidente que este espectador em que, segundo Gadamer, o drama - neste caso o drama narrado pelo mito - "alcança sua significação total", não é só um espectador,senão também um sujeito de fala do mito. Um sujeito que reorganiza as "formas", as "figuras", verdadeiras "cenas de linguagem", (no sentido de Barthes em 1972 e 1984), que são significações míticas, de acordo com sua própria gramática.

Este caráter do sujeito da fala mítica se manifesta,em primeiro lugar, através da ação porque, a partir do momento em que ele transforma os personagens em agentes de valor e se relaciona com eles em termos de afeto, ele os traz a habitar seu próprio mundo. Por outro lado, desde que cada pessoa tem um orixá tutelar, dono da sua cabeça, a interação no mundo é sempre uma versão da interação entre estes personagens. Em segundo lugar, se manifesta através da continuidade dessa fala porque, ao desenvolver e elaborar os atributos de cada orixá em alocuções como as transcritas acima, ele prolonga a produção do mito no cotidiano, funde seu horizonte no horizonte do mito, transformando ambos numa paisagem única e indivisível.

Cabe perguntar-se, então, quem é este sujeito coletivo que fala este mito,e que mundo é este que ele habita.Para chegar até ele é imprescindível compreender o que ele diz, compreender o mito que ele fala, como recomendara Kerényi (que apesar de estudar os gregos havia já percebido, através de leituras, o

o instructivo do encontro com uma mitologia viva), "não sub-specie aeterni... senão como uma forma de pensar e de expressar-se, que o estrangeiro deve aprender como aprende a língua (1972:30).

Um procedimento adequado para interpretar "o dito" (cf. Geertz 1975) desta fala é considerar, por um lado, a composição interna do aglomerado de traços que compõe cada orixás, é dizer, as relações internas entre os termos e atributos que compõem este aglomerado e, por outro lado, considerar as relações externas que vinculam os orixás entre si, é dizer, a relação entre as idéias que estes encarnam. E, finalmente, considerar- como já mencionei - os conteúdos afetivos e valorativos que são associados a estes personagens, assim como as apostas que os membros do Xangô fazem a respeito de seus destinos. Estes três elementos já estão presentes na seção anterior, tanto no mito quanto na fala cotidiana do povo e nos meus comentários feitos a partir da minha participação nesse cotidiano. Trata-se, nada mais e nada menos, que do procedimento hermenêutico clássico de colocar cada atributo num contexto que o torne inteligível, ao mesmo tempo que ele de sua posição, ilumina o todo,transformando-se, por sua vez, em contexto. Uma análise desse tipo,sobre a base dos materiais apresentados anteriormente revela, de maneira sintética, o seguinte:

Na figura de Ogum, retitude, trabalho duro e espírito de luta podem assegurar algumas realizações mas não garantem o sucesso,não levam ao poder nem à felicidade. Este aglomerado de traços é visto como incompatível e em franco conflito com o aglomerado composto pela cobiça, a astúcia, e o esbanjamento de energia, encarnado por Xangô.

Na figura de Xangô, engenhosidade, manha, imprudência e uma vitalidade exuberante mas só dirigida pelo impulso e orientada e objetivos imediatos garantem o sucesso fácil e levam ao po

der e à popularidade.

Na figura de Orixalá, a autoridade da idade e a sabedoria é paciente e benigna para todos mas não lança mão de nenhuma forma de poder efetivo e por isso, sua vontade é ignorada. Quando sua paciência, depois de muito tempo, se esgota, seu procedimento é o castigo. O legalismo formal (encarnado por Iemanjá) a ofende; e o espírito de justiça (encarnado por Iansã) a agride. Orixalá representa a ética existente, presente, mas omissa.

Através da figura de Iemanjá, que encarna o *establishement*, as regras institucionais são afirmadas legítimas e devem ser reconhecidas como tal, mas não são necessariamente justas e não se deve acreditar nelas. Oscila entre defender formalmente a retitude e a maturidade (representada por Ogum) e, na hora de agir, render-se à ambição e aos métodos imorais (representados por Xangô).

Na figura de Oxum, a sensualidade, a permissividade e docilidade conseguem riquezas e atraem proteção da autoridade (representada por Orixalá), assim como o amor de todo mundo, exceto daqueles preocupados com a justiça (representada por Iansã).

Na figura de Iansã, a busca de justiça é imbuída de crueldade e implica agressão contra a autoridade sábia e benigna. A busca de justiça é um elemento estranho na medida em que Iansã é uma estrangeira.

Muitas outras reflexões podem ser esboçadas. Afinal, qual é a lei que amparava a legitimidade de Ogum no trono senão a mesma lei de Iemanjá, da herença, do sangue, do privilégio? (Ver, para complementar, o meu artigo de 1986). Porque, então, não celebrar o truque habilidoso, a astúcia de Xangô?. Não será acaso que, pela própria positividade desta irreverência, Xan

gô - como foi dito - é também representado como um pesquisador, alguém dotado do espírito da dúvida que caracterize a ciência, alguém disposto a suspeitar dos fatos que fundam as legitimidades?. De mesma forma, para que poderia Iansã querer ferir, dobrar um patriarca que não exerce poder, enfim, um patriarca inócuo? Qual viria a ser seu ganho? Ou, também, se Iemanjá é uma legalidade vazia, sem conteúdo moral, porque não emular Xangô e Oxum, sua filosofia do momento e do prazer, seu inabalável espírito festivo?

Ainda uma palavra sobre Iemanjá e Xangô. Estes dois santos têm notáveis semelhanças com os dois estereótipos brasileiros analisados e opostos por Roberto da Matta no seu livro Carnavais, Malandros e Heróis (1980): o "malandro" e o "caxias". De acordo com esse autor, que se refere sobretudo ao Rio de Janeiro, o "malandro" representa o "mundo individualizado das pessoas, onde a parte pode finalmente triunfar - engenhosa e prazeirosamente- sobre a totalidade"; o "caxias" aborda o mundo "definindo-o a partir das suas regras, leis, decretos, regulamentos, ordenanças e prescrições, é dizer, pela presença nítida e poderosa da totalidade, materializada na lei e na norma" (op.dit:205). Contudo, apesar de ser possível reconhecer algumas afinidades entre estas figuras contrastantes e aquelas de Xangô e Iemanjá, da Matta descreve ambos como heróis populares e literários: o malandro por sua imaginação e habilidades, e o caxias porque agrada a "uma sociedade também fascinada pela ordem e a hierarquia" (Ibidem:204). No entanto, entre os membros do culto Xangô, as qualidades do engenho e a imaginação (Xangô) são claramente preferidas e vistas como representativas do seu estilo de vida e interesses, enquanto as qualidades da lei e da ordem (Iemanjá) são olhadas com antipatia e suspeita. Contudo, e de maneira similar ao malandro de Da Matta, a sua estratégia não impede Xangô de

continuar coexistindo com e reconhecendo a legitimidade de um sistema cujas regras Ele constantemente evade. Depois de tudo, como o povo do Xangô diz, "Ela (Iemanjá) esconde os erros dele debaixo da sua saia" porque "Ele foi e continua a ser o filho mimado de Iemanjá".

Em artigo recente da revista Isto É (Martins 1988) sobre estereótipos e identidade nacional, fala-se do declínio da figura do malandro. O malandro, uma espécie de símbolo de brasilidade até pouco tempo atrás, começa a parecer anacrônico nas suas representações desta década, enquanto - sugerem os artistas e intelectuais entrevistados pela autora da nota - outras figuras aparecem para substituí-lo como,por exemplo,a do "corrupto". Caberia perguntar-se, lançando mão da linguagem mítica do Xangô, se esse corrupto se aproxima mais a Iemanjá - em função de seus privilégios e status institucional - ou a Xangô-por sua falta de escrúpulos -,ou se é nada mais e nada menos que uma fusão de ambos, um híbrido de burocrata com sem-vergonha. Depois de tudo, Xangô e Iemanjá "falam juntos" nas posições do oráculo ao jogo de búzios chamadas Obedí e Ossatunucá. Ainda mais, eles são os dois únicos orixás cujas vozes se fundem num recado só: traição, jogo sujo, o primeiro; falsidade, encobrimento e deslealdade, o segundo. Contudo, nessa fusão, são incorporadas exclusivamente as piores qualidades dos orixás envolvidos, e deixados de lado tanto os princípios morais do burocrata como a simpatia e humanidade do sem-vergonha. Quando se unem, Iemanjá e Xangô geram essas situações de injustiça que o mito relata e que suas mensagens fundidas no jogo descrevem. Contudo, é importante esclarecer que todo orixá contém elementos nobres na sua configuração. Todos eles encarnam valores, ainda que estes valores

estejam associados a defeitos, à maneira de verso e reverso de uma mesma moeda. Embora exista - como mostrei - uma hierarquia de preferência possivelmente indicando uma hierarquização destes valores, todos e cada um destes orixás são heróis modelares, paradigmas de emulação, ainda que seja exclusivamente para os seus filhos de santo particulares. Portanto, parece-me que, à diferença do malandro, o corrupto poderá encarnar alguns componentes presentes em santos deste panteão, mas nunca corresponder integralmente a uma destas divindades.

Começa-se a compreender o dito do sujeito que fala através das figuras míticas dos orixás. É importante esclarecer que outras falas de outros sujeitos históricos ou diferentemente situados são possíveis e de fato ocorrem, como mostrarei num trabalho de próxima publicação ,fazendo uso destas mesmas figuras, já que elas, enquanto significantes de um discurso, constituem, como Foucault sugere, uma disponibilidade para o sujeito, "uma possibilidade aberta de falar" (1973:23).

Uma primeira conclusão possível seria sugerir que quem fala nestes mitos habita já um mundo que partilha das características da modernidade. Contudo, ele é moderno só parcialmente. De fato, neste mundo, existe o indivíduo, enquanto idéia-valor, e este indivíduo tem como referência direta o cosmos, sem mediação social (cf. Dumont 1970). Não é enquanto membro de um grupo social, herdeiro numa genealogia ou morador de uma região que ele se vincula com suas divindades, senão que contrai seus laços de obrigação em relação a elas sobre bases puramente individuais. Esta característica da mudança resultante da transição da África (onde a mediação entre o mundo humano e os orixás estava dada pela genealogia ou pela localidade ou região de residência) para o Brasil (onde indivíduo e orixá mantêm uma relação de

afinidade direta na qual, justamente, o orixá vem a sublinhar a individualidade da pessoa) é bem analisada por Verger (1981:33, e ver também minha tese de 1984). Contudo, o processo de constituição da cidadania, correlato necessário da constituição da nação, não está completo. De fato, existe um horizonte moral reconhecido como mera referência, onde certas noções do correto e do incorreto, do justo e do injusto, enquanto valores sociais, estão presentes, mas trata-se de uma moral omissa - como no caso de Orixalá -, alheia - como no caso de Iansã - ou ineficaz - como no caso de Ogum. Não esqueçamos, também, que no Xangô não existe nenhuma noção como a de céu ou de salvação após a morte, que pudesse garantir a ordem social num contexto político individualista (cf. os comentários de Dumont e Locke em op.cit). Aquele horizonte moral, portanto, não é mais do que conhecimento - ou reconhecimento -: é mais um dado prospectivo sobre a constituição do mundo em volta. A apropriação dele não se dá. O sujeito deste mito não é o mesmo sujeito daquele horizonte moral.

Todavia, essa análise que acabo de fazer não me satisfez totalmente. O modelo de Dumont não parece suficiente, ele tem a fraqueza de levar-nos inescapavelmente a um único par de alternativas. Se haverá nação, parece dizer, haverá horizonte ético religioso, haverá algum tipo de céu, ainda que seja o céu da paz de consciência interior; haverá utopia. No entanto, o Xangô é uma religião que descreve a realidade, não que prescreve como ela deve ser e, ao mesmo tempo, não há sinais de que esta ou outras formas de culto afro-brasileiro estejam se estinguindo.

Resultará esclarecedor, creio, retomar o argumento a

partir de Weber. De acordo com a tipologia elaborada por este autor, haveria uma primeira oposição entre magia e religião, onde a última se caracterizaria pela presença de um culto a divindades (enquanto que as forças com que a magia opera não são cultuadas,senão subordinadas por meio de encantamentos e fórmulas) e um grupo de administradores com o status de sacerdotes (enquanto que, na magia, os magos e feiticeiros têm poder mas não têm status). Dentro do tipo correspondente à religião, por sua vez, Weber aponta para uma história evolutiva de racionalização crescente, em direção a um "cosmos de obrigação" (Weber 1971:36). Dentro desta história evolutiva, a religião atravessa várias etapas até o aparecimento de uma "ética religiosa" propriamente dita. Na primeira etapa, o comportamento humano se vê sujeito ao sobrenatural só na medida em que alguns comportamentos são prescritos especificamente para captar o favor dos deuses ou, mais exatamente, para não desencadear sua ira. Aquí. a fronteira entre normas de comportamento puramente mágico destinados a submeter os poderes sobrenaturais à vontade humana e normas de comportamento para congraciar-se com os deuses e torná-los benígnos é ainda difusa. "To be sure - diz Weber - religious ethics do not really begin with this view" (Ibidem: 37).

Nesta fronteira difusa se encontram as abominações ou tabus, que formarão a base das instituições totêmicas. O totemismo, com suas sanções, apresenta - para Weber - o germe evolutivo do que virá a ser um sistema ético. Só quando o tabu deixa lugar ao pecado é que uma "ética religiosa" propriamente dita passa a existir.

> "Whenever the belief in spirits became rationalized into belief in gods, that is, whenever the coercion of spirits gave way to the coercion of worship of the gods... the magical ethic of the spirit belief under

> went a transformation too. This reorientation developed throught the notion that whoever flouted divinely appointed norms would be overtaken by the ethical displeasure of the god who had these norms under his special care... Hence, the sins of the group were to blame if some unfavorable development overtook it... This idea, diffused in all conceivable manifestation wherever the god concept has taken on universalistic lines, forms a religious ethic out of the magical prescriptions.,. Henceforth, transgression against the will of god is an ethical sin which burdens the conscience, quite apart from its direct results".(Ibidem: 43)

A partir deste marco conceitual, que forma a base do pensamento de autores posteriores, como o próprio Dumont, chega-se à comprovação de que não há aqui um lugar para um sistema religioso como o Xangô. De fato, é possível afirmar que não existe no Xangô noção alguma como a de "desagrado ético" dos deuses da qual Weber fala, e muito menos uma noção de pecado. Nos raríssimos casos, por exemplo, em que alguém comete um homicídio (no único caso de que tive notícias a razão foi passional),a mágoa sobrevém - e sobrevém fortemente - não pela certeza de que houve violação de uma norma divina, senão pela certeza de que se atuou de acordo com o lado infeliz, obscuro, cruel, de orixás "pesados" como Iansã ou Ogum. Da mesma forma, há proibições, particularmente alimentares, que funcionam, sim, emblematicamente, mas cuja violação - que é por demais usual - não dá origem ao que entenderíamos como uma culpa ética.

Em suma, a pergunta que surge é se a mitologia com que o Xangô opera manifesta a escolha, por parte de uma socie

dade, de uma hierarquia de valores, de um modelo que prescreve os padrões segundo os quais os membros da sociedade em questão deverão conduzir-se (à maneira da ética religiosa de que Weber fala) ou se, pelo contrário, se trata de uma ética-de-fato, resultante da experiência de um povo privado de expressão política nas decisões relevantes à sua própria existência.Sugiro que as falas que aqui analiso sejam compreendidas preferentemente da segunda maneira e como comentário sobre a realidade social , por parte de quem não partilha da responsabilidade de impor uma direção a essa sociedade. Este comentário implica uma sociologia prática, constitui um levantamento prospectivo do mundo em que o povo que assim fala habita.

Isto nos leva ainda a uma segunda reflexão a respeito da universalidade do mal e do símbolo primário de queda de que fala Ricoeur na obra já citada. Nesta reflexão, a diferença que se impõe entre a tradição cristã e a tradição afro-brasileira do Recife é análoga à relação entre uma visão utópica do mundo e uma visão descritiva, tautológica, do mundo. Falo da tradição cristã como uma visão de mundo predominantemente utópica, é dizer, onde o componente utópico é dominante, para contrapô-la ao sentido fundamental que encontro nos mitos do Xangô e poder tornar assim este sentido mais claro.

O Deus cristão não é um Deus redundante, uma metáfora do real, senão um deus que propõe uma direção moral e gera, com sua mera existência, um estado de insatisfação. Ele introduz uma tensão entre humanidade e divindade, um imperativo. Sempre há um espaço não preenchido entre o modelo por ele proposto e a existência real (insatisfação que, para aventurar uma curta digressão, pareceria ter continuidade no próprio espírito científico). Neste mundo, a humanidade sempre concebe alguma medida de

distância em relação à divindade, ao bem, à verdade. Este deus se apresenta não como uma revelação do mundo senão como uma proposta de futuro, como direção, como projeto. Ele é além.

Esta divindade, que impulsa os habitantes do seu mundo a projetar-se sempre além das suas possibilidades atuais, procede também demarcando incansavelmente e com precisão obsessiva os limites entre o que se encontra dentro e é próprio da natureza divina, e o que é excluído desta natureza. O símbolo primário da queda tem seu lugar justamente alí, nesta exclusão, e é próprio ou, mais exatamente, é dominante, em sistemas de pensamento religioso onde este tipo de utopia está presente, onde o domínio da divindade se define por um ato de exorcismo que expele uma porção do real para fora de si, pela marcação de um outro que deve ser expelido.

Por outro lado, existem religiões cujos temas estão tão perto de universalidade quanto os das religiões da insatisção, só que elas se concentram naturalisticamente no mundo e têm na realidade seu tema. Elas partem, poderíemos dizer, do mundo já separado, já carente. Assim, o Xangô é um pensamento religioso descritivo, quase tautológico: não propõe, senão que exibe o mundo na sua atualidade.

Pode-se dizer para o Xangô o mesmo que dizia Otto para os gregos: este mito é "o mito deste mundo específico e deste homem específico" e, graças à sua intermediação, através do conhecimento dos deuses, o conhecimento do mundo se torna possível, havendo "concordância total entre conhecimento e fé", de maneira que "a imagem mais verdadeira do real é, ao mesmo tempo, o testemunho mais vivo da existência dos deuses". Como no caso presente, o divino serve de instrumento para explorar o humano e exibe os aspectos deste mundo com um poderoso senso de

realidade. Não se trata, portanto, de opor mito a razão, ou romantismo a iluminismo, porque "toda consciência mítica é também conhecimento" (Gadamer, 1975:4).

Neste caso particular, conhecimento de um mundo onde não é o esforço sistemático e previsor que segura a fortuna, a lei raramente se orienta pela verdade, o charme é a qualidade fundamental e a única garantia de sucesso, a sabedoria e o bem são inoperantes, e quem procura uma ordem diferente deve lançar mão de atos violentos, cruéis, desagradáveis -esta última, sem dúvida, não é a opção privilegiada pelo povo do Xangô, mas não deixa de estar presente no seu horizonte de possibilidades.

Estas falas descrevem, com precisão sociológica, um país, enfim, onde só quem, como Oxum, sabe "fazer a vista gorda" e "dar a volta por cima" se dá bem porque, em última instância, todo e qualquer ato de justiça será entendido como um ato de vingança, tal como acontecera com Iansã.

Voltamos, assim, à velha idéia durkheimiana de que "na realidade... não há religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras na sua maneira particular de sê-lo" (1976:3).

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, ROLAND: Mitologias. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

_____: Fragmentos de um Discurso Amoroso. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1984.

BERSTEIN, RICHARD J.: Beyond Objetivism and Relativism: Science Hermeneutics and Praxis. Philadelphia:University of Pennsylvania Press.

CARVALHO, JOSÉ J. "Nietzsche e Xangô: Dois mitos do ceticismo e da rebeldia" Trabalho apresentado no Simpósio "Antropologia e Teologia", na XVI Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Campinas,São Paulo, março/88.

DUMONT, LOUIS: "Religion, Politics, and Society in the Individualistic Universe". Proceedings of the R.A.I., 1970.

_____: From Mandeville to Marx. The Genesis and Triumph of Economics Ideology. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1977.

DURKHEIM, EMILE: The Elementary Forms of the Religious Life.London: George Allen & Unwin, 1976.

FOUCAULT, MICHEL: El Orden del Discurso. Barcelona: Tusquets,1973.

_____. A Verdade e as Formas Jurídicas. Rio de Janeiro: Cadernos da PUC/RJ, nº 16, 1979.

GADAMER, HANS-GEORG: Truth and Method. New York:Crossroad,1975.

GEERTZ, CLIFFORD: "Thick Description: Toward an Interpretetive Theory of Culture". In The Interpretation of Cultures. London: Hutchinson, 1975.

GIDDENS, ANTHONY: Central Problems in Social Theory. London. The Macmillan Press, 1979.

KERÉNYI, KARL: La Religión Antigua. Madrid: Revista de Occidente, 1972.

LEACH, EDMUND: "Virgin Birth". Proceedings of the R.A.I. nº 66: 39-49, 1966.

LEENHARDT, MAURICE: Do Kamo. La Persona y el Mito en el Mundo Melanesio. Caracas: Ediciones de la Biblioteca, Universidad Central de Venezuela, 1978.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE: Antropologie Estructurel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

MARTINS, MARÍLIA: "O caso da Malandragem". Isto É. 16/03/88.

MATTA, ROBERTO DA: Carnavais, Malandros e Heróis. Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MOTTA, ROBERTO: Prefácio à segunda edição de Ribeiro, René: Cultos Afro-Brasileiros do Recife. Recife, IJNPS, 1978.

OTTO, WALTER F.: The Homeric Gods. The Spiritual Significance of Greek Religion. London: Thames and Hudson, 1954.

RIBEIRO, RENÉ: Cultos Afro-Brasileiros do Recife. Recife: IJNPS, 1978.

RICOEUR, PAUL: The Symbolism of Evil. Boston: Beacon Press,1969.

SEGATO, RITA LAURA: A Folk Theory of Personality Types.Gods and their Symbolic Representation by Members of the Sango Cult in Recife. Brazil. PhD Dissertation. Belfast: The Queen's University of Belfast, 1984.

_____: "Inventando a Natureza: Família, Sexo e Gênero no Xangô do Recife". Anuário Antropológico/85. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

SILVERSTEIN, LENI M. "Mãe de Todo Mundo. Modos de Sobrevivência nas Comunidades de Candomblé da Bahia". Religião e Sociedade, nº 4:143-171, 1979.

SPERBER, DAN: "Apparently Irrational Beliefs". In Hollis, M.and S. LUKES (eds.): Rationality and Relativism. Oxford: Basil Blackwell, 1982.

VERGER, PIERRE: Orixás. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Editora Corrupio, 1981.

VERNANT, JEAN PIERRE: Mito y Sociedad en la Grecia Antigua. Madrid: Siglo XXI editores, 1982.

WEBER, MAX: The Sociology of Religion. London: Social Science Paperbacks, 1971.